



**UNIVERSIDADE FEDERA DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

LEANDRO LUNKES

A RELAÇÃO ENTRE VIDA SÁBIA E VIDA PRAZEROSA EM EPICURO

**CHAPECÓ
2015**

LEANDRO LUNKES

A RELAÇÃO ENTRE VIDA SÁBIA E VIDA PRAZEROSA EM EPICURO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Pacos Caram

CHAPECÓ
2015

DGI/DGCI – Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Lunkes, Leandro

A relação entre vida sábia e vida prazerosa em
Epicuro/ Leandro Lunkes. -- 2015.

65 f.; il.: 28 cm

Orientador: Juliano Pacos Caram.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó – SC, 2015.

1. Ética. 2. Prazer. 3. Felicidade. 4. Epicuro. I.
Caram, Juliano Pacos, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

RESUMO:

Epicuro no início da *Carta a Meneceu* estabelece uma relação entre filosofia e felicidade. Mais adiante do texto ele afirma que o prazer condiciona a felicidade. E no fim de sua carta ele afirma que só o sábio pode ser feliz. Para Epicuro a filosofia é um conceito da vida sábia, e que o prazer quando alcançado condiciona a felicidade a partir da vida prazerosa. Portanto, tanto vida prazerosa e vida sábia possibilitam a felicidade. Mas, qual será a relação entre vida sábia e vida prazerosa para que as duas possam condicionar felicidade? Esse é o objetivo que propomos: investigar a relação entre vida sábia e vida prazerosa buscando responder se são conceitos complementares ou antagônicos. Mas, para fazer isso se voltaremos para os conceitos de felicidade e filosofia. A felicidade é a vida prazerosa e a filosofia é um instrumento do modo de ser do sábio. Uma vida prazerosa consiste nos verdadeiros prazeres que causam a felicidade; já a vida sábia consistiria em possuir a sabedoria prática para escolher ou avaliar o que causa prazer e o que causa dor, ou seja, o bom discernimento. Portanto, Epicuro quer, com a relação entre vida sábia e vida prazerosa, alcançar a felicidade. Este filósofo para chegar a esse fim, a felicidade, formula como intermédios três fatores primordiais. O primeiro é a filosofia como instrumento da sabedoria prática para fornecer a esta os conhecimentos que possam ajudar para a obtenção de uma vida feliz. O segundo é o *tetraphármakon*, os quatro medicamentos que visam evitar as dores para obter uma vida prazerosa. E, por fim, as três virtudes, *phronesis*, beleza e justiça, que condicionam a felicidade, pois sem elas ninguém poderá ser feliz.

Palavras-chave: Prazer. Dor. Felicidade. *Phronesis*. Epicuro – estudo e análise.

ABSTRACT

Epicurus beginning in the Letter to Menecaeo establishes a relationship between philosophy and happiness. Later in the text he claims that pleasure conditions the happiness. And at the end of his letter he claims that only the wise can be happy. For Epicurus philosophy is a concept of life wise, and that pleasure when achieved conditions the happiness from the pleasurable life. Therefore, both pleasurable and life wise life provide happiness. But, what will be the relationship between wise life and pleasurable life so that the two can condition happiness? This is the objective that we propose: to investigate the relationship between wise life and pleasurable life seeking to respond if they are complementary concepts or antagonistic. But to do that if we're going back to the concepts of happiness and philosophy. Happiness is the pleasant life and philosophy is an instrument of the Sage's way of being. A pleasurable life consists of the real pleasures which cause happiness; wise life would already possess the practical wisdom to choose or evaluate what causes pleasure and what causes pain, i.e. the good judgment. So Epicurus wants, with the relationship between wise life and pleasurable life, achieve happiness. This philosopher for achieving that end, happiness, as three primordial factors intermediate formula. The first is the philosophy as an instrument of practical wisdom to provide this knowledge that may help for obtaining a happy life. The second is the tetraphármakon, the four drugs that aim to avoid the pains for a pleasurable life. And, finally, the three virtues, phronesis, beauty and justice, which affect happiness, because without them, nobody can be happy.

Keywords: Pleasure. Pain. Happiness. Phronesis. Epicurus-study and analysis.

LISTA DE SIGLAS

CM – *Carta a Meneceu*

MP – *Máximas Principais*

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| SUMÁRIO | 7 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 PRIMEIRO CAPÍTULO: PRAZER E DOR..... | 13 |
| 2.1 O PRAZER E A DOR NA ALMA E NO CORPO..... | 13 |
| 2.2 DESEJO E PRAZER..... | 17 |
| 2.3 PRAZER E DOR..... | 22 |
| 2.3.1 O conceito de dor | 22 |
| 2.3.2 O conceito de prazer..... | 25 |
| 2.4 O PRAZER CINÉTICO E O PRAZER CATASTEMÁTICO | 28 |
| 2.5 O EQUILÍBRIO E O DESEQUILÍBRIO DA ALMA E DO CORPO | 32 |
| 3 SEGUNDO CAPÍTULO: A RELAÇÃO ENRE VIDA SÁBIA E VIDA PRAZEROSA..... | 36 |
| 3.1 A VIDA SÁBIA | 36 |
| 3.1.1 A importância da filosofia em Epicuro | 38 |
| 3.1.2 O <i>tetraphármakon</i> | 40 |
| 3.1.3 As virtudes..... | 47 |
| 3.2 VIDA PRAZEROSA..... | 51 |
| 3.3 A RELAÇÃO ENTRE VIDA SÁBIA E VIDA PRAZEROSA | 54 |
| 3.3.1 A contribuição da filosofia para o alcance da vida prazerosa | 54 |
| 3.3.2 O <i>tetraphármakon</i> e a felicidade | 56 |
| 3.3.3 A contribuição da <i>phronesis</i> para a obtenção da felicidade | 57 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 61 |
| REFERÊNCIAS..... | 64 |

1 INTRODUÇÃO

Epicuro aborda em suas obras duas maneiras de viver e de ser. A vida sábia é o modo de ser e de viver do sábio, já a vida prazerosa é o modo de ser e de viver daquele que é feliz. A vida sábia tem como objetivo viver a vida da melhor maneira possível. Já a vida prazerosa buscar sentir os melhores prazeres. A vida sábia tem como ferramenta a filosofia. Os conhecimentos que a filosofia fornece à vida sábia possibilitam a escolha dos melhores meios possíveis para se viver bem. A vida prazerosa tem como sua principal ferramenta a virtude da *phronesis*¹. Esta virtude através de sua deliberação alcança os melhores prazeres, obtendo, assim, uma vida prazerosa.

A vida sábia e a vida prazerosa possuem suas próprias definições e características se distanciando e se diferenciando uma da outra. Mas, será mesmo que não há nada que as assemelhe? Há a possibilidade de ter um conceito entre elas que estabeleça uma relação entre esses dois modos de vida, ou será que eles se contradizem a tal ponto de se excluírem um ao outro? E se tiver algum conceito que estabeleça uma relação entre vida sábia e vida prazerosa, qual seria? Há diversos conceitos centrais que Epicuro aborda em suas obras: dor, prazer, filosofia, *tetraphármakon*, *phronesis*. Analisaremos cada conceito para investigar se um deles estabelece ou não uma relação entre vida sábia e vida prazerosa.

A investigação de nosso trabalho consiste em analisar a relação entre vida sábia e vida prazerosa, procurando demonstrar se existe uma relação ou se esses modos de vida são antagônicos. Para que possamos discutir isso, analisaremos os conceitos de filosofia, de *phronesis* e o de *tetraphármakon*, investigando suas definições e buscando nestas, possíveis relações entre a vida sábia e a vida prazerosa. Também abordaremos os conceitos de prazer e de dor. Para definir esses conceitos utilizaremos como base duas obras do filósofo helenista Epicuro a *Carta a Meneceo* e as *Máximas Principais*. Nessas obras, Epicuro aborda os conceitos, elucidados acima, estabelecendo entre eles relações.

A *Carta a Meneceo* e as *Máximas Principais*, são as obras mais importantes de Epicuro que abordam o tema da ética sob a perspectiva do prazer. Mas, não qualquer prazer. É necessário ter um método ou um meio para obter o melhor prazer. Disso vem a importância da filosofia para Epicuro. A filosofia não é só uma teoria, mas um modo de vida, uma opção de viver segundo seus princípios e crenças. Por sua vez, a *phronesis*, com sua capacidade deliberativa,

¹ Markus Figueira da Silva traduz *phronesis* por prudência. Porém, traduzir *phronesis* por prudência é limitar o conceito. Optamos a utilizar o termo *phronesis* no original, o conceituando como capacidade de deliberação e discernimento.

se utiliza dos conhecimentos fornecidos pela filosofia para aplicá-los.

O prazer é a ausência de dor ou de perturbação, por conseguinte a dor é ausência de prazer. Epicuro associa o bem ao prazer e o mal à dor a partir da constatação de que buscamos naturalmente o prazer por ele nos proporcionar sensações boas, e evitamos as dores por elas nos ocasionarem sensações desagradáveis. Essa sensação desagradável é ocasionada pela carência ou falta de algum objeto. Já o prazer é ocasionado pela satisfação dessas carências. Parece que o prazer e a dor são contraditórios. De fato, quando sentimos prazer, não podemos sentir dor simultaneamente. Porém só temos consciência do prazer porque sentimos a dor da carência, da mesma forma que alguém que nunca viu a escuridão não tem consciência da luz.

O prazer e a dor são sentidos de forma diferente na alma e no corpo. A alma sente os prazeres catastemáticos, que seriam prazeres mais estáveis e duradouros. Esses prazeres consistem na rememoração de boas lembranças, ou seja, de sensações prazerosas já sentidas pelo corpo. Já os prazeres no corpo, são os prazeres cinéticos. Esses prazeres são instáveis e nunca se satisfazem, buscam infinitamente objetos de prazeres. Objetos de prazeres são os desejos. Os desejos são objetos que queremos alcançar ou obter. Esses objetos podem ser inúteis, necessários ou desnecessários. Os inúteis não ocasionam prazeres, já os necessários sempre vão ocasionar prazer, desde que sejam obtidos, e os desnecessários podem ou não provocar prazer. Um desejo pode não ocasionar prazer porque o objeto desejado não é alcançado. Só há prazer em um desejo quando alcançamos seu objeto e se satisfazemos com ele.

Quando os desejos são satisfeitos e os prazeres catastemáticos sentidos, a alma está em equilíbrio com o corpo e com o mundo, e quando os desejos não são satisfeitos e sentimos apenas os prazeres cinéticos o corpo está em desequilíbrio com a alma e com o mundo.

O equilíbrio e o desequilíbrio da alma e do corpo dependem exclusivamente da vida sábia e de como o sábio se relaciona com o mundo. Essa relação de equilíbrio entre alma e corpo e corpo e alma com o mundo, é estabelecida pela virtude da *phronesis*. Esta virtude é a capacidade de deliberação ou discernimento. Com ela é possível perceber quais objetos ocasionam prazer e quais ocasionam dores. Com essa virtude, o sábio escolhe os verdadeiros prazeres e evita as piores dores. Ao fazer isso o sábio estabelece para si um modo de vida baseado na filosofia e no *tetraphármakon*.

A filosofia são os conhecimentos resultantes do estudo da natureza, ou seja, do modo como o mundo está organizado. O *tetraphármakon* são quatro dicas propostas por Epicuro para podermos alcançar o prazer e evitar a dor. Já a *phronesis* é a capacidade de discernir ou de

deliberar. A filosofia e o *tetraphármakon* são estabelecidos pela virtude da *phronesis* como características do modo de ser do sábio. Mas, a *phronesis* também faz parte do modo de vida prazeroso, pois são as virtudes da *phronesis*, da beleza e da justiça, quem condicionam a felicidade, ou seja, só é feliz quem for virtuoso. A vida prazerosa também é definida a partir das sensações prazerosas.

A *phronesis* está tanto no modo de vida sábio como no modo de vida prazeroso. Mas, se a vida sábia define a *phronesis* ou se a vida prazerosa define a *phronesis*, ou ainda se a *phronesis* é quem define os dois modos de vida, será o tema do segundo capítulo. Neste capítulo, discutiremos essas relações a partir dos conceitos de filosofia, *tetraphármakon* e *phronesis*.

A relação entre vida sábia e vida prazerosa perpassa toda a *Carta a Meneceu* e também as *Máximas Principais*. Tanto que Epicuro começa a sua *Carta a Meneceu* expondo essa relação, e a termina sugerindo que o sábio por causa da filosofia, do *tetraphármakon* e da *phronesis* alcança uma vida feliz, ou seja, prazerosa. Nas *Máximas Principais*, por serem apenas aforismos, a relação entre vida sábia e vida prazerosa não é tão evidente. Mas, ela aborda os conceitos de *tetraphármakon* e de *phronesis*. O objetivo de Epicuro, com essa relação entre vida sábia e vida prazerosa, é possibilitar ao homem atingir o seu *telos*, que para esse autor é a felicidade. Por causa dessa centralidade, esse tema é relevante e pertinente para uma pesquisa nas referidas obras.

Os conceitos de dor, prazer, vida sábia e vida prazerosa não podem ser discutidos isoladamente. Epicuro aborda esses conceitos de tal forma que um conceito é “consequência” ou definido por outro. Cada conceito é como se fosse um elo, que se relaciona com outros elos. Para estudar esses conceitos tão bem relacionados, precisamos ser analíticos. E também como que Epicuro está associado às discussões de seu período torna-se necessário abordar o conceito de prazer em outros autores. Foi a partir dessas constatações que escolhemos para este estudo o método histórico-analítico.

Os filósofos Heráclito e Demócrito abordaram os conceitos de prazer, dor e *phronesis*. Escolhemos esses dois filósofos por eles mais se aproximarem dos conceitos abordados por Epicuro. Além disso, Epicuro foi discípulo do próprio Demócrito, portanto recebeu sua formação filosófica a partir de sua filosofia, sendo adepto de suas teorias atomistas e materialistas.

Demócrito afirma que “não todo prazer, mas o que está no belo é preciso escolher (DK 68 B 207). Nem todos os prazeres são bons ou podem ocasionar sensações agradáveis. Para este autor somente os prazeres que estão no belo merecem ser escolhidos. O belo em Demócrito é o

bom, aquilo que proporciona bem-estar ou sensações agradáveis. Em outro aforismo, Demócrito esclarece os tipos de prazeres:

a todos quantos consideram prazeres os que vêm do estômago, ultrapassando a medida certa na comida, na bebida ou nos amores, os prazeres são curtos e momentâneos (isto é, duram o tempo) em que comem e bebem, mas as dores são numerosas. O desejo por essas mesmas coisas continua presente e, quando têm aquilo que desejam, rapidamente o prazer se vai, nada de útil resta, senão o curto gozo e, outra vez, precisam das mesmas coisas. (DK 68 B 235).

Os prazeres que provêm do corpo, ou seja, das necessidades fisiológicas destes, duram pouco tempo, somente enquanto estas necessidades estão sendo suprimidas. Não tendo um prazer duradouro e estável, o indivíduo sente mais dores do que prazeres. Além disso, pelo prazer durar pouco, outro objeto de desejo deve ser buscado. Assim, o indivíduo, além de ter um curto gozo, sempre buscará satisfazer-se.

Os prazeres podem ocasionar sensações tanto desagradáveis como agradáveis. Para poder distinguir umas das outras Demócrito afirma que precisamos da sabedoria. É com a sabedoria que podemos evitar as dores e assim sentirmos prazer. Sobre a sabedoria, Demócrito afirma que: “a dor incontrolada de uma alma entorpecida afasta-o com o raciocínio.” (DK 68 B 290). A dor de uma alma só pode ser afastada com o raciocínio. O raciocínio é definido como sinônimo de sabedoria. Esta, por sua vez, não é sabedoria somente teórica, mas prática também. Para os pré-socráticos, a sabedoria consiste em conhecer e praticar esses conhecimentos para o seu bem-estar.

Heráclito também faz essa distinção entre os prazeres ao afirmar: “diverso é o prazer do cavalo, do cão, do homem tal como Heráclito diz que asnos prefeririam palha a ouro.” (DK 22 B 9). Cada animal e o homem possuem prazeres diferentes conforme a necessidade de cada um. O asno prefere palha a ouro porque para ele o ouro não é nada, mas a palha é alimento. Com essa citação, Heráclito não quer somente afirmar que existem vários tipos de prazeres, mas afirma que o prazer e a dor dependem do valor que depositamos nele. Se acreditarmos que o ouro causa mais prazer do que a palha, buscamos o ouro. Nesse caso, o prazer estaria associado a alguma crença ou superstição. Isso pode ser um problema, pois as opiniões podem ser falsas, e aquilo que se acredita ser um prazer é, na verdade, dor.

É a dor quem possibilita a percepção do prazer como algo bom e agradável, como Heráclito afirma: “doença faz de saúde (algo) agradável e bom, fome de saciedade, fadiga de repouso.” (DK 22 B 111). Por exemplo, a saúde só é percebida como algo bom e agradável porque se sentiu a dor que uma doença causa. Quando nos curamos da doença e nos sentimos novamente

saudáveis, sentimos prazer porque obtemos um objeto de desejo que estava em falta, a saúde. O prazer é sentido como bom e agradável porque satisfazemos as carências, que provocam as sensações dolorosas. Em outras palavras, obtemos o objeto de desejo que queríamos e nos satisfazemos com ele.

Demócrito e Heráclito afirmam que nem todos os prazeres provocam sensações boas e agradáveis, e que por isso é preciso escolher dentre os prazeres aqueles que provocam sensações boas. Para fazer essas boas escolhas, é preciso ter a sabedoria. Estes filósofos pré-socráticos também afirmam que o prazer só pode ser sentido como bom porque fizemos a experiência da dor. O prazer é definido por estes pré-socráticos como a satisfação de uma determinada carência.

Esses conteúdos estarão dispostos em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos os conceitos de prazer, dor e desejo na alma e no corpo. Também abordaremos o equilíbrio e o desequilíbrio da alma e do corpo. No segundo capítulo, discutiremos a relação entre vida sábia e vida prazerosa, a partir dos conceitos de filosofia, *tetraphármakon* e *phronesis*.

2 PRIMEIRO CAPÍTULO: PRAZER E DOR

No presente capítulo serão abordados os conceitos de prazer e de dor em duas obras de Epicuro: a *Carta a Meneceu* (CM) e as *Máximas Principais* (MP).

Primeiramente, faz-se necessário abordar a natureza da alma e do corpo, e também o modo como ambos sentem o prazer e a dor. Em seguida, discutiremos a concepção do desejo, já que ele antecede o prazer. Realizada essa discussão, conceituaremos a dor e o prazer para, então, discutirmos as características e particularidades de cada um deles, tais como o prazer cinético e o prazer catastemático, o equilíbrio e o desequilíbrio. Também, analisaremos, ao longo desse capítulo, o estudo da natureza ou *physiologia* e a canônica de Epicuro no tocante às sensações e às opiniões falsas. Além disso, convém destacar os conceitos de *ataraxia*² e o de *aponia*, que correspondem ao equilíbrio da alma e à perturbação no corpo respectivamente, além da abordagem da antecedência e do tempo sobre a duração dos prazeres e das dores.

A dor e o prazer serão aqui apresentados paralelamente, porque a definição de um implica na definição do outro. São conceitos que, apesar de aparentemente contraditórios, na verdade, são expostos pelo filósofo como muito próximos, e não podem ser pensados de modo adequado separadamente.

2.1 O PRAZER E A DOR NA ALMA E NO CORPO

Compreendemos melhor os conceitos de prazer e dor, quando discutimos sobre a natureza da alma e do corpo, e também a interação que há entre eles. Epicuro, por ter suas concepções materialistas e atomísticas, afirma que a alma e o corpo são compostos essencialmente de átomos. Porém, há diferenças nas características desses átomos. Os átomos da alma, segundo Silva (1999), são muito tênues, que, ao se dissiparem pelo ar, quando da morte do homem, escapam por todos os poros e se dissolvem mais rápido que os outros corpos e, por isso, esses átomos são leves e sutis. Já os átomos do corpo são mais pesados e consistentes, como também propõe Moraes (1998, p. 68):

considera que a alma também é corpórea, distinguindo-se do corpo por ser composta de átomos sutilíssimos. Exatamente por constituir, tanto no sentido literal como no figurado, o centro nevrálgico de nossa vida, ela é extremamente sensível, tanto no prazer como na dor, aos estímulos provenientes dos átomos mais rudes e espessos que compõem nossa pele, nossa carne e nossos ossos.

² Este conceito será melhor explicado no subtítulo 2.5.

Tanto a alma como o corpo são compostos de agregados de átomos, porém a alma, por possuir átomos sutilíssimos, é muito sensível. Esta capacidade faz com que sinta, perceba, e receba da melhor forma possível os estímulos e afecções do corpo, que se dão pela agitação dos átomos deste. Essas agitações são organizadas e assimiladas pela alma, construindo, assim, os pensamentos, as opiniões e a memória.

Já o corpo tem como função perceber e sentir o mundo e os objetos que contém nele, através de seus átomos rudes e espessos. São essas qualidades que permitem ao corpo sentir e perceber de uma maneira muito precisa como os outros objetos são e como eles interagem entre si na natureza. Recolhidas, essas sensações são repassadas à alma, a fim de que ela as processe e as memorize, caso sejam necessárias³. Esse processo de formulação do conhecimento é descrito por Moraes (1998, p. 75) dessa maneira: os

sutilíssimos átomos pensantes, envolvidos na caixa torácica, [que] opera [m-se] segundo uma dinâmica própria, em que se entrecruzam sensações e estímulos recém-chegados, experiências consolidadas na forma de prenoções e hábitos adquiridos, como o de comparar a efeitos prováveis de cada ação etc.

A alma organiza e formula opiniões e pensamentos, através do entrechoque de sensações e estímulos recém-chegados do corpo, com as experiências: pensamentos, prenoções ou hábitos, já existentes na alma. Enquanto que o corpo apreende sensações do mundo físico, a alma, a partir da *interpretação* dessas sensações, estabelece se determinada sensação é prazerosa ou dolorosa. Definida se uma sensação é prazerosa ou não, tanto a alma como o corpo a sentem, já que os átomos da alma e do corpo estão em constante interação, através de seus movimentos e entrechoques. Portanto, se o corpo está sentindo uma dor, a alma também sentirá essa dor e vice-versa. Um exemplo apontado por Silva (2003, p. 62) ilustra muito bem essa interação:

as doenças que se abatem sobre o corpo-carne provocam dores físicas que podem afetar a alma, isto é, pode ter ressonâncias na alma. Por outro lado, existem doenças que se originam na alma e acabam por afetar o corpo, tais como a tristeza, a angústia e o desgosto, que podem alterar o funcionamento fisiológico do corpo.

Como que os átomos sutis da alma estão em constante interação com os átomos do corpo, se o corpo está doente e sente dores, a alma também será afetada de alguma forma pela doença. Do mesmo modo, se a alma está angustiada, o funcionamento ou o equilíbrio do corpo será

³ Em sua canônica, Epicuro considera conhecimento tudo aquilo que possa nos conduzir a uma vida feliz. Informações, sensações, pensamentos que não contribuem para uma vida feliz, segundo o autor, não podem ser considerados conhecimento. E se não são conhecimentos, também não devemos perder tempo ou memorizá-los porque são inúteis. Portanto, o conhecimento para Epicuro deve sempre estar de alguma forma associado à busca da felicidade.

afetado. A alma e o corpo, apesar de serem, por sua natureza, compostos de átomos diferentes e, pode-se dizer, com características opostas, possuem um paralelismo total, já que sentem o que o outro sente e também, segundo Silva (1999, p. 79), que “[...] nascem, crescem, desgastam-se e morrem conjuntamente”.

O corpo, portanto, relaciona-se com a alma e vice-versa, mas seus prazeres e dores serão sentidos por cada um de maneira diferente. Dado que os átomos do corpo e da alma também são diferentes, o modo como eles adquirem sensações também o será. Porém, quando o corpo sentir dor, a alma não poderá simultaneamente sentir prazer, e nem ser totalmente indiferente à dor do corpo. Warren (2011, p. 170-171), sob este aspecto, afirma:

está assim excluído que a dor física possa persistir até coexistir com um prazer mental: nega-se com isso que haja duas faculdades residindo em lugares distintos (talvez o corpo e a alma), faculdades passíveis de experimentar separadamente seus prazeres e sofrimentos respectivos.

Uma dor física, não pode coexistir com um prazer mental, por exemplo. Ou a dor suprimirá o prazer, caso ela seja mais intensa, ou o prazer suprimirá a dor, caso ele seja mais intenso. Há uma interação entre o corpo e a alma, de tal forma que a alma e o corpo não poderão experimentar separadamente suas dores e prazeres respectivos. A sensação, tanto na alma como no corpo, sempre será a mesma, o que muda é o modo como essa sensação é experimentada e interpretada.

O prazer e a dor na alma são interpretados através das opiniões e crenças, enquanto que o prazer e a dor no corpo se dão pelos sentidos e satisfações das necessidades dele. Os prazeres e as dores da alma são ocasionadas pelas opiniões. Dessa forma, é necessário ter um amplo estudo da natureza da alma e fazer constantes avaliações sobre as opiniões que temos no sentido de verificar a sua coerência com a natureza, para, então, podermos avaliar se essas opiniões nos causarão dor ou prazer. Por isso, Silva (1999, p. 80) argumenta que

a preocupação e o cuidado com a alma tornou-se com o epicurismo mais que objeto de estudo, uma prática terapêutica fundamentada no estudo da natureza (*physiología*), cuja finalidade era justamente livrar a alma dos temores causados pela ignorância em relação aos fenômenos do mundo físico, sobretudo aqueles que envolvem diretamente o homem e a natureza desconhecida.

A correta compreensão da natureza possibilita à alma o afastamento dos temores que a ignorância, através das opiniões falsas, pode causar a ela. Para combater essa ignorância, e para possibilitar ao homem a felicidade, Epicuro estabelece o *tetraphármakon*. Este, consiste em quatro orientações para possibilitar a nossa felicidade: as duas primeiras se referem às opiniões

falsas acerca dos deuses e da morte; e as duas últimas à obtenção do prazer e da dor. No texto deste autor, as duas primeiras dicas são descritas desta forma: “na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte [...]” (CM, 2002, p. 47). Conhecer a natureza dos deuses e da morte é evitar a dor na alma causada pelas superstições acerca da interferência dos deuses e da imortalidade da alma. E evitar a dor é o mesmo que buscar o prazer, como afirma Moraes (1998, p. 28):

a tese parece clara: sem compreender os mecanismos da natureza, permaneceremos atormentados pelo medo dos deuses, pelo temor da morte e pela ansiedade resultante de não controlarmos adequadamente nossa atitude em face dos sofrimentos e das satisfações da vida. Não teremos portanto paz de espírito.

Enquanto as opiniões falsas acerca da natureza dos deuses e da morte permanecerem no pensamento, não haverá paz de espírito. Essa paz só pode ser alcançada na medida em que o pensamento acerca do prazer é limitado, através da análise da relação que acontece entre as coisas mesmas e o prazer, sempre buscando evitar as coisas que podem ocasionar sofrimentos (MP, 2010). Portanto, o prazer e a dor da alma dependem da relação entre o pensamento e as coisas, ou seja, na medida em que o pensamento atribui um limite às relações com as coisas, ele evita a dor; mas, na medida em que permite que as relações entre a alma e as coisas se deem de qualquer maneira, as opiniões que podem ser geradas a partir disso causarão tormentos na alma.

Mas, com relação aos prazeres e dores do corpo, a forma como buscar o prazer e evitar a dor é diferente. O prazer e a dor no corpo dependem da satisfação das necessidades e dos sentidos humanos. Basta buscar os prazeres que saciam a fome e a sede, por exemplo, e aprimorar os sentidos para que se possa perceber melhor as coisas, como por exemplo, o vento no rosto e a leveza da água na natação. Porém, segundo Epicuro (MP XVIII, 2010, p. 34), “o prazer na carne não aumenta uma vez suprimido o sofrimento proveniente da carência; ele pode somente diversificar-se.”. O prazer no corpo não pode aumentar a sua intensidade e nem a sua duração. A única variação que ocorre é na sua diversificação, ou seja, sentir o prazer de nadar, de comer, de beber, de correr etc.

A sensação prazerosa ou dolorosa, tanto no corpo como na alma, possui uma duração. Porém, a duração da sensação prazerosa ou dolorosa não interfere na obtenção de uma vida feliz. A vida feliz é obtida pela sensação prazerosa, não importando o número de vezes que a sentimos.

Com relação à duração da sensação prazerosa no corpo, Oyarzún⁴ (1999, p. 416, tradução nossa) afirma que

o prazer corpóreo é experimentado no presente da ocasião, determinado pela atualidade do estímulo prazeroso, e se dissipa com a sua ausência; por outro, a alma pode estender o prazer a todo o tempo da vida, por causa da recordação e a confiança, concentrando no presente essa totalidade.

O prazer corpóreo tem certo período de tempo, já que se restringe ao momento em que a satisfação está presente, e, como a satisfação logo se esvanece, o prazer corpóreo também logo termina e precisa ser substituído por outra satisfação.

Porém, os prazeres da alma são muito mais duradouros, pois se referem às lembranças rememoradas ou aos pensamentos, como afirma Moraes (2010, p. 23):

a experiência prazerosa, que para os cirenaicos se exaure no instante da fruição, se inscreve, para o epicurismo, na continuidade da experiência psíquica: a lembrança e a antecipação de um prazer também são prazeres.

O prazer na alma também pode ser atingido através da rememoração das sensações prazerosas ou pela antecipação de um acontecimento que poderá causar prazer.

Já o prazer no corpo tem pouca duração porque termina no instante em que a fruição cessa, porém, mesmo assim, pode-se continuar sentindo prazer através da rememoração da sensação prazerosa que foi sentida pelo corpo. Essa afirmação confirma a unidade entre corpo e alma, enquanto que o corpo fornece à alma prazeres de pouca duração, essa se utiliza destes para sentir prazeres que possam ser mais duradouros.

2.2 DESEJO E PRAZER

Além da alma e do corpo sentirem o mesmo prazer ou a mesma dor de modos diferentes, há diversos prazeres que a alma e o corpo podem sentir. Porém, nem todo prazer proporciona uma sensação prazerosa. Os prazeres que não proporcionam sensação prazerosa são os desejos, cujo objeto desejado não foi alcançado ou se alcançado não satisfaz a carência. Ter um desejo significa desejar algum objeto. Todo desejo deve ter um objeto a ser desejado. Já o prazer é a satisfação gerada pela obtenção desse objeto, ou seja, quando desejamos algo e o obtemos, e sentimos satisfeitos, então temos uma sensação prazerosa. Mas, se obtemos um objeto desejado

⁴ Por una parte, el placer corpóreo es experimentado en el presente de la ocasión, determinado por la actualidad del estímulo placentero, y se disipa con su ausencia; en cambio, el alma puede extender el placer a todo el tiempo de la vida, por obra del recuerdo y la confianza, concentrando en el presente esa totalidad. (OYARZÚN, 1999, p. 416).

e não nos sentimos satisfeitos com ele, não temos uma sensação prazerosa. É por isso que todo prazer é resultado de um desejo, mas nem todo desejo resulta necessariamente de um prazer. De fato, todo prazer teve um “objeto” de desejo alcançado, mas nem todo objeto de desejo que é alcançado pode gerar uma sensação prazerosa. Segundo Moraes (MP XX, 2010, p. 37),

para Epicuro, ilimitado não é o prazer e sim o desejo. A carne, entendamos, o impulso corpóreo elementar, fonte do desejo, incita à reprodução da sensação prazerosa correspondente à satisfação de uma carência, mesmo quando esta já foi suprimida.

O desejo possui como fonte os impulsos da carne. São esses impulsos que incitarão a continuidade da sensação prazerosa, através da mudança dos objetos desejados, mas nunca da sensação prazerosa. Se o prazer não colocar seu limite de satisfação nos desejos, estes se prolongarão mesmo se a carência for suprimida, pois um novo objeto de desejo se sobreporá. Por exemplo, A1 sente o desejo de comer, e procura algo para suprimir essa dor. Tendo-a suprimido, ele se sente satisfeito, porque alcançou o objeto desejado e, estando satisfeito, sente prazer. Mas, um A2 pode, mesmo com a dor suprimida, não se sentir satisfeito e querer comer todos os tipos de pratos que lhe estão disponíveis, em outras palavras, mesmo alcançado o objeto desejado, o A2 não se sente satisfeito e busca novos objetos de desejo. No caso do A1, o prazer, ao satisfazer-se, limitou o desejo de comer compulsivamente através da supressão da dor da fome. Já no caso do A2, mesmo tendo suprimido a dor, não alcançou a satisfação do prazer, porque desejou cada vez mais interpondo um desejo ao outro e nunca se satisfazendo. Esses desejos do A2, portanto, não ocasionam uma sensação prazerosa, ou seja, não satisfazem as carências humanas e, por isso, se sucedem *ad infinitum*.

Os desejos que estão associados à satisfação de nossas necessidades são considerados necessários, já os desejos que não estão atrelados ao prazer ou à satisfação são considerados desnecessários e inúteis por não contribuírem para a felicidade. Epicuro, na sua *Carta a Meneceu*, faz essa distinção da seguinte maneira:

consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros ainda para a própria vida. (CM, 2002, p. 35).

Os desejos inúteis são aqueles que não contribuem para a obtenção da felicidade⁵ por

⁵ A ética de Epicuro é teleológica, ou seja, busca um fim último para todas as ações humanas. Epicuro afirma que este fim é a felicidade. Por isso, que todos os conceitos devem contribuir nessa busca, e aqueles que não contribuem não devem ser considerados ou discutidos.

causarem mais dores do que prazeres. Cantó⁶ (1999, p. 400, tradução nossa) os exemplifica como: “[...] a ânsia de poder e de riqueza, o ensejo de imortalidade e a busca de fama”. Esses desejos de poder e de riqueza são inúteis, porque pessoas que não os possuem podem ser felizes, eles não condicionam a felicidade. Mas alguns acreditam que sim, por isso os buscam. Porém, nesta busca percebem que aquilo que era para causar prazer somente ocasionou dores. Moraes (2010) afirma que certos *desejos* podem ser vãos ou inúteis quando não respondem a nenhuma necessidade do corpo, mas resultam de opiniões vazias. Essas opiniões vazias, por estarem em desacordo com a natureza, ou seja, com as necessidades naturais básicas do ser humano, além de não proporcionarem a felicidade, causarão sofrimentos mais intensos. A relação entre desejos e opiniões falsas é mais bem explicada por Silva (2003, p. 52) dessa forma:

depois disso, ele põe sob foco os desejos que ultrapassam as necessidades naturais e tendem à realização de “valores” projetados por opiniões que fogem aos critérios que determinam o que é natural e necessário. Estes desejos correspondem, na maioria das vezes, às exigências da imaginação (*phantasia*) e por isso são de uma ordem diferente daquela denominada desejos naturais necessários (*physikà kai anankaîtai*). Esses desejos encontram repercussão nos indivíduos insensatos, que agem segundo opiniões vazias (*kénon doxái*), pois desprezam ou desconhecem o sentido de ser segundo a *prhónesis* e o *logismós*.

Opinião falsa é quando se ultrapassa os limites do natural e necessário e se desvia pela realização de valores projetados por opiniões. Essas opiniões, por sua vez, estão fundamentadas na imaginação ou na fantasia. Assim, os desejos que se utilizam dessas opiniões falsas para estabelecer ou buscar seu objeto são de uma categoria diferente daqueles que tem como objeto de desejo as necessidades naturais. Essa categoria de desejos só encontra repercussão nos indivíduos insensatos que não utilizam a *phronesis* para deliberar e discernir, mas fundamentam as suas ações, escolhas e recusas, nas opiniões falsas.

Quanto aos desejos naturais, eles se subdividem em necessários e não necessários. Os desejos naturais não necessários são aqueles que fazem parte da natureza do corpo, mas que não contribuem para a felicidade, e por isso são desnecessários. Um exemplo disso é beber ou comer artigos requintados. Esses desejos são naturais, porque faz parte da natureza do corpo beber e comer, mas são desnecessários na medida em que a sede pode ser suprimida com água e a fome com alimentos menos sofisticados. Como afirma Epicuro (MP XXVI, 2010, p. 43),

dentre os desejos, aqueles que não provocam padecimento quando permanecem insatisfeitos não são necessários, podendo suas pulsões ser facilmente controladas se

⁶ Deseos vanos, finalmente, son el ansia de poder y de riqueza, el anhelo de inmortalidad y la búsqueda de fama. (CANTÓ, 1999, p.400).

eles nos parecem difíceis de atingir ou suscetíveis de nos causar danos.

Os desejos naturais desnecessários são muito semelhantes aos prazeres inúteis, pois, assim como estes, os desejos desnecessários não condicionam a felicidade e, por isso, podem ser desconsiderados, principalmente, quando se percebe que eles serão inatingíveis. Se forem inatingíveis, suas pulsões devem ser retidas, pois causarão mais dores do que prazeres, porque não serão satisfeitos. Mas, se forem atingíveis, esses desejos, ao contrário dos inúteis, não nos causarão dor, afinal beber artigos requintados não causa dor. Porém, eles não devem ser buscados porque não condicionam à felicidade.

Alguns desejos naturais não necessários, como indica Moraes (MP XXX, 2010, p. 48-49), podem estar atrelados a uma opinião falsa:

a presente máxima, que desenvolve o argumento da XXVI, estende os efeitos da vã opinião aos desejos naturais que não são necessários. Por não serem *necessários*, tais desejos, embora naturais, não deveriam nos perturbar se não fossem satisfeitos. Se, não obstante, o impulso para satisfazê-los se mantiver intenso, será por causa de uma opinião vazia.

As opiniões vãs⁷, podem estar entrelaçadas com os desejos naturais desnecessários, causando-nos dores. Mas, os desejos naturais não necessários, quando suas carências não são satisfeitas, não podem causar dor, já que a carência não é essencial para o prazer. Os desejos naturais não necessários só causarão dor, quando o seu impulso de satisfação se mantiver intenso. E isso só acontece quando as opiniões vãs estão associadas a ele. Os desejos naturais desnecessários, que estão atrelados a uma opinião falsa ou vã, nada acrescentam à natureza do homem, porque não contribuem para a obtenção da felicidade.

Os desejos que condicionam a felicidade são os desejos naturais necessários à vida, ao bem-estar do corpo e à felicidade. Esses desejos estão associados a um modo de vida natural, com preocupações necessárias e sem escrúpulos. Como afirma Silva (2003, p. 50),

‘viver de acordo com a natureza’ significa dar razão aos desejos naturais e necessários, entendendo que a medida de satisfação desses desejos está na relação estabelecida entre o corpo e os fenômenos de repleção, satisfação e proteção, oferecidos pelo mundo natural.

Viver de acordo com a natureza é o mesmo que viver segundo os desejos naturais necessários. Esses desejos estão de acordo com a natureza, pois seus objetos desejados são os

⁷ Opiniões vãs, vazias ou falsas, são as opiniões que não condizem com a ordem natural das coisas.

mais elementares para a sobrevivência e para a felicidade. A satisfação deles se dá, então, pela relação que se estabelece com o mundo natural. Esse mundo é o que possibilita a felicidade, e deve sempre ser mantido como um estado de equilíbrio entre o corpo e os fenômenos do mundo. Quando o corpo sente uma carência, é nesses fenômenos naturais que buscará sua satisfação. Mas esta carência deve ter como objeto de desejo algo elementar, caso contrário, não encontrará satisfação nos fenômenos naturais, permanecendo insatisfeita.

As carências naturais e necessárias do corpo causam prazer, mas as carências naturais desnecessárias e os desejos inúteis causam dor. Warren (2011, p. 167) afirma que “se o objetivo da vida é atingir um estado destituído de dor, então a prudência determina reduzir os próprios desejos aos mais gerais, ou seja, os desejos naturais e necessários”. Para ser feliz não precisa se preocupar em atingir a maior quantidade possível de prazeres, sejam eles inúteis, ou naturais necessários ou desnecessários, mas simplesmente em satisfazer os desejos naturais necessários à vida, à felicidade e ao bem-estar do corpo.

Os desejos necessários para a vida, segundo Oyarzún⁸ (1999, p. 414, tradução nossa) “[...] são os desejos estimulados pela fome e pela sede”, ou seja, são os desejos que garantem a sobrevivência, já que sem comer ou sem beber não há como viver. Segundo este mesmo autor (1999, p. 414) os desejos

necessários para a ausência de males no corpo são aqueles que reclamam a proteção deste contra as mazelas e inclemências do meio: o fogo, a vestimenta, o abrigo; também deve ser contado aqui o desejo de manutenção e recuperação da saúde⁹.

Os desejos necessários ao corpo têm como objetivo evitar as sensações dolorosas que este porventura possa experimentar, suprimindo-o de suas carências que lhe são necessárias para seu bem-estar, como por exemplo o abrigo e o calor. Esses desejos, ao evitarem que o corpo sinta as perturbações do meio onde vive, possibilitam o equilíbrio entre este espaço e o corpo-carne¹⁰.

Já os desejos necessários para a felicidade são aqueles desejos solidários da filosofia e da amizade que liberta a alma de sua inquietude (OYARZÚN, 1999). Os desejos necessários à felicidade são estabelecidos a partir da convivência com pessoas amadas e também pelos conhecimentos da filosofia, na medida em que ambos nos livram das dores ou perturbações da

⁸ Así, necesarios para la vida misma (pr s tèn toû sómatos aokhlesían) son los deseos aguijoneados por el hambre y la sed. (OYARZÚN, 1999, p. 414).

⁹ Necesarios para la ausencia de malestar del cuerpo (pr s tèn toû sómatos aokhlesían) son aquellos que reclaman la protección de éste contra las amenazas e inclemencias del medio: el fuego, la vestimenta, el albergue; también debe contarse aquí el deseo de mantención o recuperación de la salud. (OYARZÚN, 1999, p. 414).

¹⁰ Para Epicuro tanto a alma como o corpo são formados de átomos, assim tanto a alma como o corpo são corpos. Para haver melhor compreensão, designaremos o corpo como corpo-carne e a alma como corpo-alma.

alma. Porém, esses não são os únicos desejos fundamentais que condicionam a felicidade, pois reduzi-los à amizade e à filosofia é reduzir as possibilidades da felicidade. Os desejos naturais necessários para a felicidade são todos aqueles que de alguma forma possibilitam o alcance desta.

Portanto, a diferença fundamental entre o desejo e o prazer é que o desejo é a necessidade de satisfação de um determinado objeto, ao passo que o prazer é a satisfação da obtenção do objeto desejado. Primeiro temos o desejo, o objeto que queremos, segundo obtemos a sensação prazerosa quando obtemos o objeto desejado ou a sensação dolorosa quando não obtemos este objeto, ou quando a obtenção desse objeto ocasionar dor.

2.3 PRAZER E DOR

A exposição da ética em Epicuro tem como finalidade conduzir o homem, em sua *práxis*, ao alcance de uma vida verdadeiramente feliz, à semelhança das principais éticas gregas que o antecederam¹¹. Como salienta Ullmann (2006, p. 76), “o prazer (*hêdonê*), [que] no seu sentido mais amplo, ocupa o lugar central do pensamento epicurista” deverá ser corretamente compreendido, a fim de desmistificar a leitura corriqueira que fazem acerca da ética epicurista, na qual explicitam um pensamento errôneo acerca de Epicuro. O filósofo não propõe uma vida hedonista a qualquer preço, como pensam a maioria dos leitores pouco atentos às suas obras. Por outro lado, diferentemente das éticas clássicas que o antecederam, ele não propõe uma fuga do prazer para se alcançar a felicidade. Procuraremos, pois, demonstrar como a ética de Epicuro está fundamentada nas noções de prazer e dor, e como esses conceitos não são antagônicos ao conceito de vida feliz.

2.3.1 O conceito de dor

Epicuro não define explicitamente o que é a dor, mas faz algumas afirmações que contribuem para a nossa compreensão: “[...] ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e

¹¹ As éticas clássicas teleológicas de Platão e de Aristóteles, por exemplo, possuem como fim último da ação humana encontrar a verdadeira felicidade (*eudaimonia*). Também nesta mesma perspectiva, inscreve-se a ética proposta por Epicuro nessas duas obras com as quais trabalhamos: a *Carta a Meneceu* e suas *Máximas* (ou *Sentenças Vaticanas*). Todavia, procuraremos demonstrar, ao longo deste trabalho, quais as peculiaridades na leitura de Epicuro acerca da interferência do prazer e da dor para se chegar a esse fim. Vida feliz, na perspectiva de nosso filósofo, inclui o prazer? Em outras palavras, todo prazer conduz o homem à felicidade? Quais as diferenças entre a ética proposta por Epicuro daquelas éticas que lhe antecedem, se todas elas buscam o mesmo fim?

de perturbações da alma”. (CM, 2002, p. 43). Se o prazer é ausência de dor, a dor só pode ser ausência de prazer. De fato, como afirma Moraes (MP III, 2010, p. 17):

[...] a mesma sensação não pode ser simultaneamente prazerosa e dolorosa. Padecer da sede é incompatível com o prazer de saciá-la, que começa com o primeiro gole d'água: ele não afugenta *toda* a sede, faz irromper a sensação prazerosa e, portanto, suprime o padecimento.

Prazer e dor, por serem opostos um do outro, enquanto o prazer permanecer como sensação não há como sentir dor. São duas sensações: a prazerosa e a dolorosa, e não há como sentir as duas ao mesmo tempo. Segundo Moraes (MP IV, 2010, p. 20), “[...] a coexistência do prazer e da dor não é estática, mas sempre envolve uma contradição em ato, na qual um dos polos (prazer ou dor) predomina, deixando o outro latente.”. Se alguém está com sede, sente dor e assim o prazer permanece latente, mas quando bebe o primeiro gole de água, a dor imediatamente cessa abrindo espaço para a sensação prazerosa emergir.

A dor também é definida por Cantó¹² (1999, p. 384, tradução nossa) como “[...] estranha e hostil, pois ocasiona a destruição, é o antinatural.”. A sensação é natural, todos têm sensações, mas a sensação dolorosa é algo antinatural, porque consiste na carência ou privação do que é natural. Naturalmente evita-se a dor, da mesma forma que naturalmente busca-se o prazer, como por exemplo, quando um indivíduo sente que o fogo queima sempre evitará o calor. A dor é evitada porque ela ocasiona o reverso do prazer, é avaliada como ruim, como afirma Cantó¹³ (1999, p. 384, tradução nossa): “compreendendo dessa maneira, o prazer é o bem primeiro e congênito do ser vivente, junto à dor como o mal também primeiro e congênito”. A dor é tida como um mal porque ela alerta para a falta do objeto desejado que será a fonte do prazer: sente-se dor quando se está com sede, porque falta água, e também se sente dor quando se perde alguém importante porque essa pessoa faz falta.

Discutimos até aqui o conceito de dor a partir de sua natureza e do modo como a dor é sentida. Mas, a dor também pode ser ocasionada não só por sensações, mas também por ideias, concepções ou opiniões falsas. Falsas na medida em que não correspondem à natureza das coisas. Um bom exemplo que Epicuro fornece é o medo da morte. Muitas pessoas temem a morte por pensarem que ela vai causar muita dor. Ou então misturam à morte crenças supersticiosas, como por exemplo a imortalidade. Mas, a isto Epicuro condenou afirmando que

¹² El dolor es entonces lo extraño y lo hostil, acusando lo que la destruye, lo antinatural. (CANTÓ, 1999, p. 384).

¹³ Se comprende así, pues, que el placer sea el bien primero y congénito del ser viviente, junto al dolor como el mal también primero y congénito. (CANTÓ, 1999, p. 384).

“a morte nada é para nós. Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível, e a insensibilidade é o nada para nós.” (MP II, 2010, p. 14). A morte é justamente o momento em que se deixa de sentir sensações, e neste exato momento, nada mais se sente, porque quando a morte se apresenta, não há mais existência, pois as sensações cessam quando os átomos se dissipam.¹⁴

Pelo estudo da natureza da morte, Epicuro combateu o pensamento ou a opinião falsa que afirmava que a morte ocasionava dor. Portanto, segundo Ullmann (2006, p. 66), “a única forma, consoante Epicuro, de livrar-se dos temores existenciais é o conhecimento do universo. Não devem ser tomados verdadeiros os mitos.”. Para se livrar desse tipo de dor, precisamos estudar a natureza e perceber como as coisas realmente são e como se comportam. Para Epicuro o universo é composto de átomos e vazio. Os átomos são os compostos elementares que compõem toda a matéria. Possuem como propriedades o peso, o tamanho e a forma. Com essas possibilidades eles se deslocam no vazio e se entrecrocam, formando os planetas, estrelas, sistemas solares, no caso da agregação, ou se repelem ocasionando outros entrecroques. Os átomos que possuem formas que possibilitam o seu encaixe se agrupam, mas os átomos que possuem características iguais se repelem para formar corpos com outros átomos.

Já o vazio é o espaço onde os átomos se movem. Sem o vazio, existiria uma massa atômica compacta sem movimento. É este vazio que possibilita o movimento dos corpos. Ele está presente tanto no universo, ou seja, fora dos corpos, como também dentro dos corpos. Por exemplo, se não houvesse vazio dentro de nosso corpo, os átomos da alma não poderiam se deslocar livremente, para receber os estímulos do corpo.

Este são os dois conceitos físicos fundamentais de Epicuro: para ele, tudo o que há no universo é feito de átomos e vazios, e esses átomos possuem movimento nesse vazio, o que faz com que se agreguem ou se repilam.

Desse modo, apresentamos um problema de ordem mais teórica, mas nem por isso deixa de estar conectada à ética. Para combater as opiniões falsas que nos causam dor, é preciso buscar a verdade. E, uma vez encontrada, a opinião falsa é descartada, e a dor cessa. Com a dor suprimida, o prazer emerge. Sendo assim, a teoria também possui um caráter ético, na medida em que evita a dor fornecendo verdades que combatem as opiniões falsas. Assim, percebe-se que a falsidade ou a verdade não estão na razão e na crença em si mesmas, mas no modo como se utiliza essas razões ou essas crenças. Se elas forem usadas de modo incorreto, podem ser desviadas e se tornar fontes de dor e de obstáculos à vida boa. Mas, segundo Warren (2011),

¹⁴ Cf. p. 13-14 acima.

quando usadas corretamente, são instrumentos essenciais à aquisição e à conservação da melhor vida humana possível. O critério que estabelece se uma crença ou uma razão é incorreta ou correta é a sua correspondência com os conhecimentos retirados da *physis*. Se elas estiverem de acordo com esses conhecimentos, então causarão prazer, mas se se originarem de superstições religiosas ou “comuns”, ocasionarão dores. Spinelli (2012, p. 64) assim expressa:

o conhecimento certo, como posto acima – conhecimento, segundo Epicuro, que é promotor de uma natureza humana feliz (*makaría phýsei*) – está na investigação das causas predominantes (*tôn kyriôtátôn aítian*) quer dos fenômenos quer das evidências, quer ainda dos elementos perceptíveis. Prover aquele conhecimento e investigar aquelas causas, eis a função (a ação ou *érgon*) primordial da *physiología*.

A *physiologia*, na busca dos conhecimentos dos fenômenos, das evidências e dos elementos perceptíveis, tem por finalidade buscar conhecimentos que favoreçam a busca primeira e última que é o prazer e a obtenção da felicidade. Essa proximidade entre conhecimento e dor é que faz do verdadeiro conhecimento uma das ferramentas para a obtenção da felicidade.

2.3.2 O conceito de prazer

Epicuro, na *Carta a Meneceu*, define o prazer como ausência de dor, do seguinte modo: “quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma.” (CM, 2002, p. 43). Logo no início, Epicuro parece estar ciente das críticas dos anti-hedonistas de sua época e, portanto, se defende das críticas que consideravam que seu pensamento propunha uma vida de prazeres funestos, desejados a qualquer preço. Ao contrário, o filósofo distingue os prazeres dos intemperantes daqueles que provêm dos sentidos, mas que é justamente a ausência de dor ou de perturbação.

Notemos que Epicuro não afirma o que seja o prazer, mas ele propõe uma explicação do prazer a partir da negação de seu oposto, a dor, do mesmo modo como o conceito da física acerca da escuridão propõe uma predicação negativa: “a escuridão é a ausência de luz”. A afirmação/negação de Epicuro pode parecer, a leitores apressados, uma explicação circular, que não acrescenta nada no predicado que não esteja contido no sujeito. Contudo, ao explicitar que o prazer é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma, ele deixa entrever que o verdadeiro prazer somente poderá ser compreendido se, primeiro, forem explicitados tudo aquilo que causa tanto sofrimento físico (e aqui a instância do corpo na filosofia epicurista)

quanto as perturbações psíquicas (instância da alma na participação do prazer e da dor).¹⁵

Sobre essa passagem do texto de Epicuro, Warren (2001, p. 156) assim se posiciona: “a primeira etapa, e a mais importante, na defesa epicurista do hedonismo consiste em dizer que a ausência de dor num organismo vivo é em si um prazer.”. Nesse sentido, a ausência de dor é a definição do prazer, ou seja, segundo Warren o prazer é definido apenas de forma negativa.

Porém o prazer não é somente definido através de uma predicação negativa. A ele também serão atribuídos conceitos como os de “equilíbrio”, “*ataraxia*”, e o próprio conceito de “felicidade” como veremos adiante. Segundo Epicuro (CM, 2002), tanto a saúde do corpo, quanto a tranquilidade do espírito dependem também de uma definição do próprio prazer, ou seja, o conceito de prazer deve ser compreendido a partir de duas perspectivas: uma negativa, como ausência de dor, de sofrimentos físicos e de perturbações na alma; e outra positiva, como *ataraxia*, isto é, equilíbrio e saúde do corpo e da alma. Além disso, reflete Moraes (MP III, 2010, p. 17), em seus comentários à máxima principal III,

uma linha de interpretação que, entre os contemporâneos, vai de Brochard a Salem sustenta, neste sentido, que a supressão da dor não é, ela própria, prazer, mas a condição para que esse possa emergir: o prazer não é, pois, mero reverso da dor, uma dor negativa.

A supressão da dor não é um prazer, mas a condição para que o prazer possa emergir. Sem a dor, há o prazer, mas se há dor não pode haver prazer, já que, segundo Epicuro, pode-se sentir apenas duas afecções: o prazer ou a dor. Essas afecções não podem ser sentidas simultaneamente (como já foi exposto acima), portanto, quando a dor for suprimida, sente-se o prazer, que não é mero reverso dessa dor, mas a satisfação de uma carência fisiológica do corpo.

Para melhor explicar os conceitos de prazer e de dor, faz-se necessário se utilizar de um comentário do Markus F. da Silva (2003, p. 107): “para ele [Epicuro], o prazer se produz quando a dor é suprimida, e o equilíbrio do corpo restabelecido”. Tem-se a consciência de que determinada sensação é prazerosa porque há a experiência da sensação dolorosa. O prazer para ser sentido como tal depende da dor. Uma pessoa que sempre viveu na luz e não conheceu as trevas não tem consciência de que aquilo que está vendo como luz é luz, porque não teve experiência da escuridão. Do mesmo modo acontece com o prazer. Só podemos ter a consciência de que algo é prazeroso porque sabemos o que é a dor. O conceito de prazer relaciona-se com o conceito de dor para que possamos identificar determinada sensação como

¹⁵ O sofrimento físico e a perturbação da alma correspondem à dor no corpo e na alma respectivamente, cuja abordagem já foi realizada na páginas 15 e 16.

prazerosa. Ele não é definido como ausência de dor, mas é a experiência da dor que possibilita a nós termos a consciência de que determinada sensação é prazerosa. Mas, uma vez que tenhamos sentido uma dor não precisamos mais dela para ter consciência do prazer.

Outro aspecto importante do prazer é que ele pode ser entendido inerente ao ser humano, ou seja, que o prazer é natural. E, por ser natural, ele é buscado em todas as ações. Assim comenta Ullmann (2006, p. 78):

com efeito, se o prazer rege o comportamento das crianças e dos animais, e tendem, por natureza, ao prazer, propendem, por igual, pela mesma natureza instintiva, a fugir da dor. A conclusão é que o ser humano, ao buscar o prazer, procura a felicidade natural.

O prazer é algo natural e inerente ao ser humano, porque, desde quando se nasce, se o sente. Isso se exemplifica em um bebê que chora quando sente a carência da fome, e para quando ela é satisfeita. Se a dor foi suprimida, o prazer emergiu e o bebê o sentiu. Porém, ele não sabe que essa sensação é prazerosa, pois ele não tem ainda a capacidade de discernimento, mas nem por isso a sensação, por definição, deixou de ser prazer. A partir do momento em que a criança desenvolve sua capacidade de discernimento, ela vai começar a perceber o que causa uma sensação dolorosa e o que causa uma sensação prazerosa, ou seja, ela determinará a sensação como dolorosa ou prazerosa. Além de sentir a sensação, ela vai ter a consciência de que essa sensação é dolorosa ou prazerosa e vai perceber que a dor deve ser evitada e o prazer buscado. Como afirma Epicuro (CM, 2002, p. 37):

[...] o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

O prazer é o bem primeiro porque ele é sentido desde o nascimento, mas é identificado, como um bem, somente quando se desenvolve a capacidade de discernimento. Quando identificamos o prazer como um bem, passamos a buscá-lo, e no processo dessa busca percebemos a necessidade de meios para obtê-lo e passamos a buscá-los, como por exemplo, a vida simples, a filosofia, as virtudes. É como Epicuro afirmou acima, quando o prazer é identificado a um bem, escolhemos ou recusamos a partir dele, por isso, a partir do prazer, escolhemos a filosofia, e um modo de vida simples e sábio. Como afirma Spinelli (2012, p. 77): “aliás, por esse mesmo experimentar (na medida em que reconhecemos o prazer) somos também imediatamente levados a identificar o desprazer (o sofrimento ou dor), e, portanto, a

reconhecer o mal”. Identificando o prazer, também identificamos o desprazer ou a dor, e a dor é recusada porque é identificada como uma experiência não agradável.

Por conseguinte, os conceitos de prazer e de dor não podem estar em desacordo com as sensações. De fato, é através da sensação que percebemos e sentimos o mundo. Por isso, as sensações são o critério para se estabelecer o que é bom e o que é mau, pois, como afirma Moraes: “não há evidência mais forte do que aquilo que sinto e percebo. A fonte e critério fundamental de todo conhecimento e, portanto, da distinção entre os prazeres propícios e danosos é a sensação.” (MP XXIII, 2010, p. 39). Por exemplo, quando nadamos em águas tranquilas, sentimos uma sensação boa de prazer. Então, nadar é prazeroso e deve ser sempre buscado. Mas também, nessas mesmas águas, podemos nos afogar, e assim sentiremos dor e, por isso, devem ser evitadas, se estiverem agitadas. Logo, nem todo objeto causa prazer a todo o momento. Torna-se necessário avaliar cada episódio e perceber se, naquela exata ocasião, será mais prazeroso que doloroso realizar determinada ação. Contudo, podemos perceber que o mal não está na água em si, pois ela também pode ocasionar prazer. Logo, o prazer e a dor não estão nas coisas, mas no modo como nos relacionamos com elas. Como afirma Moraes (1998, p. 97. Grifo do autor): “prazer e dor resultam da *relação* de nosso corpo (incluída a alma) com os objetos que o afetam. Epicuro nos ensina a bem gerir essa relação.”.

O prazer está na relação que estabelecemos com as coisas do mundo. Precisamos ter a capacidade de transformar as coisas do mundo e os fenômenos naturais em meios para obter o prazer. Viver em harmonia com a natureza é ter uma boa relação com o mundo, apropriando-se de seus objetos e de seus fenômenos naturais e obtendo deles sensações prazerosas em vez de dolorosas. Mas, haverá algumas vezes em que não será possível fazer isso. Não há como fazer com que um rio de águas agitadas, que pode privar alguém de sua vida, possa ocasionar prazer. Neste caso, somente quando o desejo de sobrevivência for alcançado, livrando-se das águas agitadas, o prazer de estar vivo é sentido.

2.4 O PRAZER CINÉTICO E O PRAZER CATASTEMÁTICO

O prazer é mais bem compreendido se subdividido em duas esferas: o prazer cinético e o prazer catastemático. O primeiro se refere ao movimento e o segundo ao repouso, ou seja, a sensação prazerosa do prazer cinético cessa e emerge constantemente, enquanto que a sensação prazerosa do prazer catastemático é mais estável e duradoura¹⁶.

¹⁶ Markus Figueira afirma que Epicuro “admite uma diferenciação entre os prazeres: *hedoné* cinético (prazer em movimento), que poderá ou não tender ao repouso, ou repleção; e *hedoné* catastemático (prazer em repouso).” (SILVA, 2003, p. 107).

O prazer cinético corresponde aos prazeres naturais do corpo, como, por exemplo, o prazer ocasionado pelo ato de beber e pelo ato de comer. Esses atos estão de acordo com a natureza quando saciam a sede e a fome com bebidas e alimentos básicos. Mas também podem estar em desacordo com a natureza, quando desejam os “objetos” mais requintados para saciar a fome e a sede. É por isso que os prazeres mudam frequentemente, pois se está sempre buscando novos licores para saciar a sede e novos alimentos para saciar a fome. E, na ausência dessas bebidas e desses alimentos, sentimos dor. Mesmo podendo saciar-nos com água e com pão, preferimos beber licores e comer alimentos sofisticados. Nesse sentido, a sensação prazerosa é de curta duração, pois se restringe ao fato de beber ou de comer determinada bebida ou comida e não ao fato de estar saciado da fome e da sede. Se o intervalo de prazer é pequeno, o intervalo de dor é grande, e se o desejo de beber licor ou de comer alimentos requintados não for bem controlado, então o prazer cinético pode trazer mais sofrimentos do que regozijo.

Já o prazer catastemático é o prazer em repouso. Ele consiste nos prazeres que são naturais como beber e comer, mas que também são necessários, como beber água e comer pão. Sendo assim, a sensação prazerosa consiste no fato de evitar uma dor ou um sofrimento independente de como se faz isso. Desse modo, segundo Warren (2011), o prazer catastemático pode ser experimentado sob estas formas: a ausência de dor física (*aponia*) e a tranquilidade mental (*ataraxia*). Essa ausência de dor leva em conta a saciedade da sede e da fome sem considerar o objeto do desejo. Warren (2011, p. 158-159) assim explica:

em outros termos, o prazer catastemático não necessita ser sentido como prazeroso da maneira como se considera prazeroso saborear uma bebida fresca quando faz calor; erramos ao identificar demasiado estreitamente dois tipos de prazer que são, na realidade, muitos diferentes. Deste ponto de vista, o prazer catastemático é mais o estado de bom funcionamento e de não impedimento de um organismo que não é atingido nem pela dor física nem pela perturbação mental.

O prazer cinético é o prazer que corresponde ao objeto, neste caso saborear uma bebida fresca quando faz calor. Os prazeres cinéticos buscam atingir um prazer, mas essa sensação prazerosa não tem como finalidade suprir uma carência. A supressão dessa carência seria apenas uma consequência, pois, para os prazeres cinéticos, o objetivo é atingir o objeto desejado e não a supressão da dor.

Já o catastemático visa atingir um prazer se afastando da dor, evitando-a. E quando buscamos evitar a dor e permanecer afastado dela, a sensação prazerosa acaba tendo maior intervalo de tempo, pois se avalia a sensação prazerosa e não sua variação. No prazer catastemático, pois, a sensação prazerosa pode ter variação. Por exemplo, posso sentir prazer

ao beber água, depois ao beber vinho, ao comer pão, depois ao comer sushi. Mas isso não é o prazer cinético? E Warren (2011, p. 163) continua:

por conseguinte, uma vida epicurista, mesmo se compreender grandes sequências de prazer catastemático, compreenderá também episódios de prazer cinético, e os prazeres cinéticos, a partir do momento que são convenientemente compreendidos, constituem guias úteis para discernir entre o que possui e o que não possui verdadeiro valor.

O prazer catastemático se utiliza da variação do prazer cinético para estabelecer um prazer mais estável e duradouro. É como se o prazer catastemático, ao invés de permitir um espaço para a dor, coloca nesse intervalo outro prazer cinético, de tal modo que a dor não possa emergir. Desse modo, o prazer cinético não pode ser definido como mau ou como bom, mas sim o modo como usufruímos desse prazer. Se ele está desassociado do prazer catastemático, como numa busca frenética de prazeres, ele causará maior dor. Mas, como Warren afirma acima, se ele for usado corretamente, pode se tornar um guia útil na busca de prazeres que conduzirão a uma vida feliz.

Há mais uma definição de prazer catastemático que deve ser aqui descrita. Ela se baseia na rememoração como uma forma de suprimir a dor. Ullmann (2006, p. 81) descreve muito bem esse processo:

como se pode suprimir a dor? Pela recordação das alegrias do passado. Suprimir alguma coisa significa atividade positiva, interior, tendo como fruto o prazer. Ora, atividade é movimento. Logo, Epicuro realmente admite o prazer catastemático e o prazer em movimento.

Essa proposição afirma que pelas boas recordações do passado que estão gravadas na memória, podemos suprimir a dor. Por exemplo, quando alguém está em fase terminal de câncer pode suprimir a dor que sente recordando das coisas boas que fez, ou que teve e dessa forma morrer bem. É por isso que Konstan (2011) afirma que o prazer catastemático é um prazer em longo prazo e é sentido conscientemente.

Como percebemos, o prazer catastemático ao evitar a dor e adaptar os prazeres cinéticos para prolongar a duração da sensação prazerosa, possibilita atingir com maior facilidade uma vida feliz. É por isso que, ainda segundo Warren (2001, p. 163),

os epicuristas baseiam-se na tese que faz do prazer catastemático o prazer supremo e, assim o melhor estado possível, visando a sustentar que em consequência disso o valor de uma vida boa é inteiramente independente de sua duração e aquela do gozo do prazer catastemático.

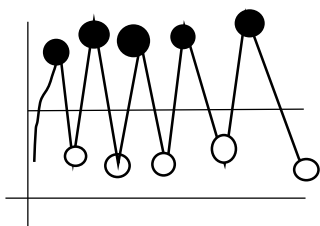
O prazer catastemático é o prazer supremo porque conduz à felicidade. Assim, se o prazer catastemático é sentido independente de sua duração, já se é feliz. Isso acontece por causa da diferença entre os prazeres cinéticos e catastemáticos, como destaca Silva (2003, p. 108):

a nuance diferenciadora é a da qualidade dos prazeres catastemáticos, por oposição à quantidade dos prazeres cinéticos. Além disso, o prazer em repouso parece pertencer a outro nível temporal, que é a plenitude, onde a qualidade é dada pela infinitude do prazer.

Essa diferença se dá pela quantidade dos prazeres cinéticos e pela qualidade dos prazeres catastemáticos. Não importa a quantidade de prazeres cinéticos que é sentida, mas sim a qualidade do prazer catastemático, visto que sua qualidade é dada pela plenitude do prazer, ou seja, é a máxima sensação prazerosa que podemos ter.

Para melhor compreensão da relação e da definição do prazer catastemático e cinético, elaboramos os quadros abaixo e suas respectivas representações gráficas.

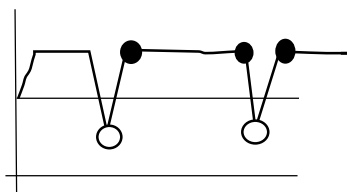
Prazer cinético:



Fonte: LUNKES, 2014.

A linha no centro do gráfico corresponde à divisão entre prazer (lado superior) e a dor (lado inferior). Podemos perceber que os intervalos de prazer e dor são inconstantes e não há estabilidade ou um mesmo intervalo de tempo. A linha vertical indica a variação entre dor e prazer, e a linha horizontal corresponde ao tempo. Assim, os círculos pretos são os ápices do prazer, e os círculos brancos são os ápices da dor. Percebemos que, ao longo do tempo, o prazer se torna dor, e a dor se torna prazer bruscamente, pois não há estabilidade entre eles.

Prazer catastemático



Fonte: LUNKES, 2014

O prazer catastemático possui intervalos de tempo mais estáveis e duradouros, mas também

há intervalos de dor. Mas como os intervalos de dores são menores que os intervalos de prazer, então podemos concluir que sendo o prazer maior, a felicidade está presente.

Com essas representações, podemos perceber que a diferença entre esses prazeres se dá através do modo como sentimos o prazer, pelo objeto que causa o prazer ou então através da sensação prazerosa que o objeto causa. O primeiro é o cinético, que sempre tem de buscar novos objetos, e o segundo é o catastemático que sente o prazer que esses objetos causam. Assim, o cinético fornece os objetos de desejo, e o catastemático estabiliza essa variação de objetos através da sensação prazerosa que eles causam e não o objeto em si.

2.5 O EQUILÍBRIO E O DESEQUILÍBRIO DA ALMA E DO CORPO

O equilíbrio e o desequilíbrio da alma e do corpo correspondem, respectivamente, ao prazer e à dor da alma e do corpo. Enquanto a alma e o corpo sentirem os prazeres ocasionados pela satisfação dos desejos naturais necessários, estarão em equilíbrio. Porém se sentirem dor estarão em desequilíbrio.

O equilíbrio e o desequilíbrio são unicamente estabelecidos pelo prazer e pela dor respectivamente, mas as sensações de prazer e de dor dependem de outros fatores, como por exemplo a relação que estabelecemos com os objetos. Assim, o equilíbrio e o desequilíbrio também possuem outros fatores, e um deles é a imperturbabilidade conquistada pela vivência de acordo com a natureza.

Segundo Silva (1999), a imperturbabilidade (*ataraxia*) pode ser definida como equilíbrio da alma, ou seja, certo cuidar de si. Esse cuidar de si requer saber o que a alma julga ser bom ou mau, por isso da necessidade do correto conhecimento da *physis*, como visto anteriormente. Uma vez tendo julgado o que é bom para a alma, basta em ir a busca disso, que nesse caso, segundo Ullmann (2010, p. 78), é o prazer: “o atingimento da *ataraxia* deve ser o escopo do homem. Para consegui-la a medida de aferição é a *hedoné*”. Para conseguir a *ataraxia* é necessário ter o prazer, ou seja, a condição necessária para o equilíbrio é o prazer, e conseqüentemente para o desequilíbrio é a dor.

Além do prazer, a *ataraxia* ou a imperturbabilidade da alma podem ser adquiridas, segundo Silva (2003, p. 17-18), a partir de

uma conduta na qual a ação fundada na compreensão da natureza supera a reação que tem por base o constante desgaste do indivíduo, que perdeu o domínio de si e vive a impossibilidade de criar seu modo de vida segundo o que é natural e necessário. O afastamento do *sóphos* em relação à insensatez das normas e valores cultivados em sociedade é, para Epicuro, o caminho para o exercício de um modo de vida autárquico.

A imperturbabilidade da alma depende também do modo como se vive. Se um ser humano tem uma vida totalmente afastada dos princípios da natureza e preocupado com objetos desnecessários, como por exemplo a riqueza e o poder, a alma terá mais perturbações do que prazeres. Mas, se a vida estiver fundamentada em um modo de vida natural e necessário, em que a única preocupação é ter menos dores possíveis e mais prazeres, então a alma pouco sofrerá. Por isso, como o autor acima afirma, Epicuro se afastou da convivência da cidade por causa do modo de vida que os indivíduos tinham que não condizia com a tranquilidade da alma.

O equilíbrio não se restringe somente à alma. Para que possamos ser autárquicos, precisamos também estar em equilíbrio com o mundo físico, e também estar em equilíbrio consigo na relação entre corpo e alma.

O equilíbrio entre o homem e o mundo depende da relação que estabelecemos com os objetos que lhe pertencem. Por isso, torna-se indispensável o conhecimento da *physis*. Que, segundo Silva (2003, p. 18),

é a fonte de todo aprendizado do *sóphos*, através do estudo da natureza é que se pode encontrar o sentido da realização do equilíbrio entre homem e mundo. A partir da compreensão do sentido deste equilíbrio, o *sóphos* assevera o que constitui o bem-estar de seu corpo, da sua alma e, conseqüentemente, da sua conduta no mundo.

Estudar e compreender a natureza é o mesmo que estabelecer o equilíbrio entre o homem e o mundo, pois conhecendo a natureza da alma e a natureza em que vivemos, percebemos o que pode causar bem-estar e o que pode causar mal-estar. Conhecer a natureza é estudar a relação que se estabelece entre o indivíduo e os objetos, e o que essa relação pode ocasionar. O sábio, a partir desse estudo, escolhe o que mais lhe apraz, estabelecendo assim um equilíbrio com o mundo que o cerca e assim vive serenamente.

Mas, esse equilíbrio não é tão fácil de ser estabelecido, pois ele não é absoluto, mas oscilatório. Segundo Silva (1998), é oscilatório porque depende das forças da natureza que podem ou não afetar o corpo e também porque afetos e desafetos ocorrem casualmente na natureza. Administrar e usar essas forças da natureza para o bem-estar é uma tarefa que faz do indivíduo um sábio na medida em que consegue realizar essa tarefa, pois para bem realizá-la é preciso que desenvolva uma sabedoria prática ou *phronesis* como Epicuro a denomina¹⁷.

¹⁷ A tradição anterior a Epicuro abordou a *phronesis* como sabedoria prática, discernimento, deliberação. No campo ético, seria a boa escolha. Mas, para Epicuro, essa sabedoria prática, além de ser discernimento, deliberação, está voltada para a vida, é um ensinamento que estabelece um modo de vida para as pessoas, que consiste no modo de vida sábio.

Assim, além de ocorrer o equilíbrio pela imperturbabilidade da alma através do prazer, também o tem através do equilíbrio entre a alma e o espaço físico que a circunda, já que as dores poderão advir também das falsas interpretações que se faz acerca da realidade. É fundamental concentrar-se nesse equilíbrio da alma, pois será ele quem vai estabelecer também o equilíbrio do corpo. O corpo por si só não pode se equilibrar, porque não possui a capacidade de estabelecer relações e de avaliar essas relações. Ele apenas sente essas relações, mas quem as avalia e as pensa se serão boas ou más é a alma.

É como Silva afirma: “o exercício do domínio que o indivíduo sensato tem sobre si mesmo e expressa a sua compreensão acerca do bem-estar (*eustatheia*), ou equilíbrio do seu corpo em relação às coisas do mundo físico, bem como dos sentimentos e opiniões que tais relações causam à alma.” (SILVA, 2003, p. 52). O “exercício do domínio” é o mesmo que *ataraxia*, pois a *ataraxia*, além de ser traduzida como tranquilidade da alma, pode ser traduzida como o princípio da ação. Neste caso, o sábio, tendo o princípio da ação, tem o domínio sobre seus sentimentos e opiniões, e sabe como estabelecer o equilíbrio entre a alma e o corpo. Os sentimentos e opiniões que o corpo sente através de sua relação com o mundo repercute na alma. Portanto, equilibrando a alma também se equilibra o corpo e a relação que este estabelece com o mundo. A alma, compreendendo corretamente como funciona o mundo e sabendo estabelecer as relações certas com os objetos certos, permanecerá no prazer e não causará mal algum ao corpo.

Com isso, podemos perceber que o equilíbrio entre a alma e o corpo também se faz necessário para sermos autárquicos¹⁸. Mas, se a alma e o corpo são corpóreos e o que um sente o outro também sente, por que haveria conflito? Se a alma sente o mesmo que o corpo não há conflito. Mas, isso é problemático, pois nem tudo o que o corpo sente faz bem a ele mesmo e à alma. Há prazeres que podem ocasionar males. Por isso, o corpo precisa da alma para perceber e distinguir esses prazeres dos outros prazeres e escolher entre os prazeres aqueles que vão nos causar as melhores experiências. Sendo assim, explica Silva (2003, p. 49):

o equilíbrio resulta da ação do pensamento sobre o corpo carne (*sarkós*) e que pode ser escrito como uma espécie de *terapeía*, onde o *lógos* atua diretamente no corpo, possibilitando o estabelecimento de uma medida limite (*péras*) para os desejos iminentemente carnis, desejos esses que nem sempre se acalmam com a simples repleção, isto é, desejos que são naturais ao corpo, mesmo quando este se encontra em estado satisfatório em relação às necessidades básicas.

¹⁸ Autárquico vem de *ataraxia*. Ser autárquico é possuir *ataraxia*.

A *ataraxia* é o equilíbrio que a alma estabelece entre o corpo e os seus objetos de desejo¹⁹. O corpo, sem os limites estabelecidos pela alma, sempre sentirá prazeres cinéticos e nunca se satisfará. Mas a alma, com sua sabedoria, decide pelo corpo e o impede de sentir prazeres freneticamente, mas o impele a buscar prazeres mais estáveis e duradouros, como Epicuro afirma em uma das suas máximas:

a carne considera ilimitados os limites do prazer e seria necessário um tempo também infinito para satisfazê-la. Mas a inteligência que se tornou capaz de compreender qual é o fim e o limite da carne e nos liberou do temor em relação à eternidade proporcionou-nos uma vida perfeita e não sentimos mais necessidade de uma duração infinita. (MP XX, 2010, p. 36).

Dessa forma, o desequilíbrio se dá quando o corpo não é limitado pela alma, e sente seus prazeres sem estabelecer a estes limite algum, ou seja, não se preocupa com as consequências, se estas serão prazerosas ou dolorosas. Já o equilíbrio estabelece-se a partir do momento em que a alma estabelece os limites do desejo para esse corpo e passa a ditar as regras, erigindo, dessa forma, a partir da dor e do prazer, as escolhas e as recusas. Poderíamos dizer, em outras palavras, que o desequilíbrio seria quando os desejos do corpo não são limitados pela alma, ao passo que o equilíbrio se dá através da liberdade de escolher o mais conveniente prazer.

Pelos argumentos acima citados, podemos afirmar que o prazer não é unicamente a ausência de dor, mas também a presença de uma sensação prazerosa que provém de um desejo cujo objeto foi alcançado, satisfazendo uma carência. Também abordamos a diferença entre os diversos tipos de desejos, prazeres e dores, ressaltando que nem todos os prazeres e desejos causam uma sensação prazerosa e que nem todas as dores são ruins. Em algumas circunstâncias, os prazeres causam dor e as dores causam prazer. Mas, como saber quando um prazer é uma dor e quando uma dor é um prazer? Quais os critérios que devem ser utilizados? O que pode contribuir na busca dos prazeres e na recusa das dores?

¹⁹ Cf. p. 14-15 acima.

3 SEGUNDO CAPÍTULO: A RELAÇÃO ENTRE VIDA SÁBIA E VIDA PRAZEROSA

Como vimos no capítulo anterior, há diversas formas de sentirmos os prazeres, os desejos e as dores. Há prazeres que provocam sensações dolorosas e há dores que provocam sensações prazerosas. Já os desejos podem ocasionar tanto sensações dolorosas quanto sensações prazerosas, dependendo se o objeto de desejo for alcançado ou não. Nesta diversidade de opções e de enganos, aquele que pretende ser feliz deve ter a capacidade de discernir, dentre os prazeres, dores e desejos, quais podem contribuir para uma vida feliz e quais não. Aqueles que possuem essas capacidades são os sábios. Somente estes têm os conhecimentos necessários para bem discernir. Além de terem o conhecimento, os sábios também possuem a *phronesis*, que é a sabedoria prática, ou seja, a capacidade de aplicar os seus conhecimentos. É com esta sabedoria prática que o sábio estabelece para si um modo de ser, um modo de viver.

Já a vida prazerosa ou a vida feliz não inclui a sabedoria, mas as sensações prazerosas. Somente aqueles que possuem alguma sensação verdadeiramente prazerosa podem ter uma vida feliz. Diferente do modo de ser sábio, para se ter uma vida feliz, basta sentir os verdadeiros prazeres, ou seja, aqueles que possibilitarão as sensações prazerosas.

Porém, o sábio com seu modo de vida tem a capacidade de escolher os melhores prazeres, ou seja, aqueles que produzirão em nós sensações prazerosas. Como são essas sensações prazerosas que definem o modo de vida prazeroso, parece-nos que a vida sábia possibilita a vida prazerosa. Porém, a vida prazerosa não inclui a sabedoria, não se vinculando com a vida sábia.

Analisaremos, ao longo desse capítulo, se as concepções de vida sábia e de vida prazerosa são necessariamente antagônicas nas obras de nosso filósofo, ou se é possível concluirmos que a escolha por uma vida verdadeiramente sábia resultaria em uma vida de fato prazerosa.

3.1 A VIDA SÁBIA

O sábio, por possuir a filosofia como conhecimento e a *phronesis* como uma sabedoria prática, é aquele capaz de se autogerir. Ullmann (2006, p. 82) defende essa tese com a seguinte afirmação: “faz-se mister distinguir, aqui, dois tipos de homens: os sábios, isto é, os que a si mesmo se regem, sem necessidades de leis positivas, e os não sábios, ou seja, aqueles que não necessitam de leis.”. A característica prevalecte que difere os dois tipos de homens é a capacidade de produzirem e de obedecerem unicamente às suas leis e não as que os outros criaram. Portanto, ser sábio implica em ser autárquico, livre de qualquer proposição ou desejo

que não tenha passado por uma avaliação do próprio indivíduo. Ser autárquico não implica em não aceitar o que vem de fora, mas em avaliar se esses conhecimentos são os melhores meios possíveis para se atingir a felicidade.

Tendo a capacidade de definir suas próprias leis, o sábio estabelece, a partir de seus conhecimentos, um modo de vida que seja mais adequado para alcançar a felicidade. Epicuro (CM, 2002, p. 47, 49) define dessa forma o modo de ser do sábio:

na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

Nas primeiras frases, ao abordar os deuses, a morte, o bem e o mal supremo, Epicuro se refere ao *tetraphármakon*, afirmando que esse é um meio de se obter a felicidade, já que mais acima da citação ele afirma que não há ninguém mais feliz que o sábio. Mas, para se medicar e se prevenir contra esses males, é preciso conhecer a natureza das coisas e perceber, com esses estudos, que os deuses e a morte não nos podem afetar. Esses conhecimentos provenientes do estudo da natureza são dados pela razão ou capacidade de pensar, que seria a própria filosofia.

Mais adiante dessa citação, Epicuro afirma que o sábio nega o destino, porque conhece de que modo a natureza é regida, ora pelo acaso, ora pela necessidade, reafirmando a importância da filosofia. O destino, para este autor, também deve ser ignorado porque nossa vontade é livre. O sábio se utiliza muito bem dessa liberdade através de sua capacidade de discernir através de uma razão prática, também traduzida por prudência – a saber, *phronesis*.

Com a *phronesis* e os conhecimentos da *physis*, o sábio estabelece um modo de vida. Estabelece regras e leis para sua conduta e obedece somente aqueles conhecimentos que possibilitarão a sensação prazerosa. Como afirma Silva (1984, p. 102),

a busca da sabedoria é por si um exercício de vida, esta busca tem um sentido que se expõe no modo como ela se efetua. Busca-se sobretudo o saber acerca da *physis*, ou da compreensão “acerca da natureza” (*perí physeos*). A efetivação da vida é a realização dessa busca mediante um modo próprio de ser sábio e prudente.

Ao buscarmos a sabedoria, estamos exercitando nossos conhecimentos na medida em que os utilizamos para obtermos a felicidade. A sabedoria só tem sentido ou só se efetua se tiver

como finalidade a busca de uma vida feliz. Silva, na citação acima, define a sabedoria como *physis*, ou seja, o estudo da natureza: o modo como as coisas se apresentam no mundo. Uma vez entendida a natureza e como ela funciona, e tendo outros conhecimentos úteis para a felicidade, o sábio, através da *phronesis*, estabelece uma vida sábia.

O *tetraphármakon*, a filosofia e a *phronesis* fazem parte do modo de vida do sábio, mas, há também a vida simples, a amizade, e o afastamento das intempéries da *pólis*. Porém, nos concentraremos nas principais características, por elas melhor caracterizarem a vida sábia.

3.1.1 A importância da filosofia em Epicuro

A ética do período helenista definia a filosofia como um modo de vida. A teoria e os pensamentos não estavam dissociados da prática e do modo de vida dos indivíduos. Por isso, Epicuro afirma que os desejos naturais e necessários conduzem à felicidade, desde que o sábio se afaste das intempéries da *pólis* e viva, como o fez Epicuro, em um tranquilo jardim com aquilo que é necessário à sua sobrevivência e à verdadeira felicidade: alimentos e bebidas simples, amigos e poucas vestimentas.

Epicuro (MP XI, 2010, p. 29) em suas *Máximas Principais* afirma que

se nunca estivéssemos perturbados pelo temor dos fenômenos celestes e da morte, imaginando que esta pudesse afetar-nos, e se não desconhecêssemos os limites próprios às dores e aos desejos, não teríamos necessidade de estudar a natureza.

A filosofia para Epicuro é um estudo sobre a natureza necessário para que possamos evitar o temor dos fenômenos celestes e da morte. Muitas pessoas acreditam que existe o destino que é determinado pelos astros, e também que a morte pode ser sentida e temida como se fosse a pior de todas as dores. Com o estudo da natureza, as pessoas perceberiam que essas opiniões são falsas e não mais temeriam a posição dos astros e a morte. O autor também afirma que o estudo da natureza é necessário porque desconhecemos os limites do prazer e da dor. Esses conhecimentos sobre o que pode nos causar prazer e dor está no estudo da natureza das coisas.

A filosofia, além de ser um estudo da natureza, é um saber para a vida, conforme escreve Silva (1984, p. 102):

[...] para Epicuro [ela é] uma espécie de saber para a vida (*técne tis perí tón bíon*). Isto significa que seu caminho é o da realização de um ‘modo de ser’ impulsionado pelo saber acerca de todas as coisas que interessam à manutenção da vida. A busca da sabedoria é por si um exercício de vida, esta busca tem um sentido que se expõe no modo como ela se efetua. Busca-se sobretudo o saber acerca da *physis*, ou da

compreensão “acerca da natureza” (*perí physeos*). A efetivação da vida é a realização dessa busca mediante um modo próprio de ser sábio e prudente.

A filosofia é um saber para a vida porque, através dela, o sábio vem a conhecer a natureza das coisas, discernindo o que é melhor para a manutenção de sua vida e, então, estabelecendo um modo de ser. Com a filosofia, estabelecemos uma forma de nos relacionarmos com os fenômenos. Ao conhecermos a *physis*, teremos todos os conhecimentos necessários para avaliarmos o que pode ocasionar dor ou prazer. Naturalmente, escolheremos o prazer e evitaremos a dor e, ao fazer isso, estabeleceremos um modo de vida ou uma maneira de ser diante do mundo e dos homens.

A filosofia é uma ferramenta do modo próprio de ser sábio e prudente, como afirma Silva na citação acima. Enquanto a filosofia fornece os conhecimentos que são necessários para a manutenção da vida, a *phronesis* analisa quais desses conhecimentos devem ser usados em determinada situação. A filosofia, por si só, não é conhecimento, mas a busca por conhecimentos das proposições ou teorias que contribuem para a obtenção da felicidade, como afirma Moraes (1998, p. 35): “o essencial, para [Epicuro], não era o conhecimento pelo conhecimento, mas sim aquele conhecimento que libertasse o homem dos temores e terrores”. O que importava para Epicuro eram os conhecimentos que evitassem as dores e dessa forma contribuíssem para a vida feliz. Todos os conhecimentos que não contribuíssem para isso não poderiam ser considerados conhecimentos de fato.

A filosofia, como vimos na citação acima, é também o estudo da natureza ou *physiologia*. É nessa natureza das coisas e na ordem do universo que a filosofia extrai todos os conhecimentos necessários para possibilitar o equilíbrio entre o homem e o mundo. A filosofia é um constante exercício de relação e de comportamento do homem para com o mundo.

Esse exercício filosófico, segundo Silva (2003, p. 16),

[...] não é apenas um saber teórico, ou teorético, mas também prático, efetivo. A filosofia é, pois, um exercício de compreensão da natureza das coisas que leva necessariamente à compreensão da natureza do homem, e da natureza das relações possíveis entre o homem e a realidade que o circunda. A filosofia é um saber que permite ao homem, que é sábio, encontrar o seu bem-estar no mundo ou, ainda, o seu equilíbrio que é fonte plena de prazer.

A filosofia de Epicuro, segundo Silva, não é apenas uma teoria sobre como o mundo é e como ele funciona. Ela é também uma prática na medida em que utiliza esses conhecimentos para possibilitar o equilíbrio entre o corpo e os fenômenos. Mas, não basta ter somente o conhecimento ou a filosofia. É preciso ter a capacidade de discernimento ou deliberação para

saber aplicar ou utilizar esses conhecimentos no momento adequado e para fins pertinentes. Somente quem possuir esses conhecimentos e a capacidade de praticá-los estabelece uma relação de equilíbrio entre o mundo e ele mesmo. Quem possui essa capacidade é o sábio, pois este discerne a hora de agir e de como agir.

Para que o sábio possa estabelecer o seu equilíbrio para com o mundo, ele precisa conhecer a natureza que o cerca: suas leis e sua ordem. Por exemplo, conhecendo que o ser humano é formado de átomos e que eles se dissipam na hora da morte, podemos discernir que a morte nada é para nós porque não podemos senti-la. É a filosofia, com seu estudo da natureza, quem ensina que o corpo é feito de átomos e que se dissipam na hora da morte. Mas é a *phronesis* quem discerne que a morte nada é para nós porque não podemos senti-la. Enquanto que a filosofia fornece os conhecimentos, a *phronesis* os utiliza para estabelecer o melhor meio de vida possível, equilibrando a alma e o corpo com o mundo.

Um bom exemplo que possibilita o equilíbrio entre o homem e o mundo que o cerca é o *tetraphármakon*, em que os conhecimentos da física são utilizados, pela *phronesis*, para combater as superstições acerca dos deuses e da morte.

3.1.2 O *tetraphármakon*

O *tetraphármakon*, em grego, significa quatro remédios. O *tetraphármakon* de Epicuro consiste em quatro remédios para evitar a dor e obter o prazer. Com este termo, Epicuro quer demonstrar que sua ética é terapêutica. Assim como a medicina da época livrava os homens das doenças mantendo-os saudáveis, Epicuro quer livrar os homens das dores mantendo-os felizes. Isso se expressa na citação de Moraes (1998, p. 12): “tal é o objetivo da ética epicúrea: ensinar a cuidar de nossa vida como de um belo jardim. Justamente por constituir o bem fundamental de que dispomos, a vida merece os melhores cuidados.” A ética de Epicuro e seus ensinamentos visam cuidar de nossa vida ao evitar todas as dores que nos possam causar algum mal e, assim, alcançar os verdadeiros prazeres.

Esses quatro remédios podem ser divididos em duas partes: os dois primeiros abordaram sobre a contribuição dos conhecimentos para a felicidade; e os dois últimos referem-se às dores e aos prazeres. Moraes (1998, p. 66) aborda essa distinção da seguinte maneira:

o quádruplo remédio responde às quatro principais causas da infelicidade humana: temer a cólera dos deuses, apavorar-se diante da morte, escolher mal os objetos de desejo e angustiar-se ante o sofrimento. A felicidade, entretanto, não é difícil. Basta seguir a terapia do Jardim. Podemos decompô-la em duas etapas: uma contendo os dois primeiros, outra, os dois últimos remédios. Os dois primeiros, dirigindo-se unicamente ao intelecto, exercem efeito terapêutico imediato. Basta *compreender* a

natureza das coisas: não são os deuses, mas sim os átomos em movimento que regem o Universo; a morte é apenas a separação dos átomos componentes do organismo.

O quádruplo remédio corresponde a quatro causas da infelicidade humana: o temor aos deuses, o medo da morte, a má escolha dos prazeres, e a falta de critérios para evitar a dor. Epicuro os expõem dessa maneira para afirmar que a felicidade não é difícil de ser alcançada, já que, para ele, quem está munido desses “remédios” não sofrerá tantos danos. Como Moraes afirma acima, isso é uma terapia para possibilitar a felicidade.

Quanto à classificação proposta por Moraes, o *tetraphármakon* se subdivide em duas partes. Na primeira, se encontram os dois primeiros remédios, porque eles se referem ao intelecto. O temor dos deuses e da morte provém de opiniões falsas do vulgo que acreditam que os deuses castigam e que a morte é dolorosa. Para combater e se livrar dessas opiniões, basta estudar a natureza e perceber como os fatos aparecem. Assim, entenderemos que os deuses não podem interferir em nossa vida e que a morte não é dolorosa, porque não podemos senti-la.

Os dois primeiros remédios estão associados à filosofia, pois necessitam dos conhecimentos do estudo da natureza, mais precisamente da natureza dos deuses e da morte. Também fazem parte do modo de ser sábio, pois, para evitar as superstições ou as opiniões falsas do vulgo, é necessário não só compreender a verdadeira natureza dos deuses e da morte, como também deliberar a partir desses conhecimentos, percebendo que essas opiniões são falsas e precisam ser descartadas. Esses dois remédios não podem estar separados da filosofia e da *phronesis*, já que por si sós não são meros juízos.

Com relação aos dois últimos remédios, Moraes (1998, p. 66) afirma:

o terceiro e o quarto remédios são propriamente éticos: ensinar a lidar com o prazer e a dor. Se bastasse seguir o impulso imediato (desfrutar de todos os prazeres, fugir de todas as dores) para ser feliz, a filosofia como arte da vida melhor seria desnecessária e, sobretudo, não haveria tanta gente infeliz... Como não basta, já que na legião de infelizes é numerosa a tropa dos que contentaram em seguir os próprios impulsos, é preciso aprender a buscar a felicidade. Tal aprendizagem se apoia não apenas, nos dois primeiros remédios, numa descoberta intelectual, mas principalmente em constantes exercícios. Constitui uma psicoterapia. O obeso *sabe* que precisa controlar a gula, mas para *conseguir* controlá-la terá de se autoeducar até adquirir novos hábitos alimentares. (Grifos do autor).

O terceiro e o quarto remédios são éticos porque ensinam a lidar com o prazer e a dor. Mas, para conseguirmos atingir o prazer e evitar as dores, não basta seguirmos nossos instintos evitando as dores e obtendo os prazeres, pois como vimos há determinados prazeres que ocasionam dores e vice-versa. Os nossos instintos ou impulsos devem ser regidos pela filosofia, como exercício. A filosofia, como exercício, consiste tanto nos conhecimentos intelectuais

como na prática desses. A filosofia é um exercício quando está associada à *phronesis*. Sem essa capacidade a filosofia não passa de uma teoria. Do mesmo modo que os dois primeiros remédios não podem estar isolados da teoria ética de Epicuro, os dois últimos, pelas mesmas razões, também não podem ser compreendidos separadamente.

Moraes também afirma que não podemos seguir os nossos impulsos, pois essa não é a melhor maneira para ser feliz. Deve-se aprender a buscar a felicidade escolhendo os melhores prazeres, e isso se faz com a filosofia, estabelecendo-se bons critérios de escolha. A busca pela felicidade, através da filosofia, direciona ao exercício filosófico e ético de escolha e de recusa que, somados à intelectualidade dos dois primeiros remédios, são um bom meio para se obter a felicidade. Esses exercícios consistem na prática da ética e dos conhecimentos que temos. Por exemplo, o filósofo conhece que a natureza rege a si mesma sem a interferência dos deuses e que os deuses não interferem no mundo porque são perfeitos e não podem se perturbar com os humanos. Por isso, o sábio não teme os deuses. O conhecimento da natureza das coisas possibilita ao homem evitar a dor do temor dos deuses. Esse é o exercício filosófico: o ato de praticarmos ou de utilizarmos nossos conhecimentos para a obtenção da felicidade.

O primeiro remédio proposto por Epicuro é não temer os deuses. Este filósofo afirma que as pessoas temem os deuses porque atribuem a eles sentimentos, afecções, que lhe são indevidos conforme a sua natureza, como por exemplo, a vingança, a cólera, o castigo. Como Epicuro afirma,

[...] considerando a divindade como um ente imortal e bem-aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível, com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade. (CM, 2002, p. 23, 25)

A definição de natureza dos deuses nesta citação é a sua imortalidade e as suas bem-aventuranças. Por isso, não se deve atribuir nada aos deuses que seja compatível com sua imortalidade e bem-aventurança. Como os sentimentos ou afecções de vingança, cólera e castigo são próprias de quem é mortal, os deuses não tem como serem dessa maneira. Se eles não possuem esses sentimentos humanos, não há o que temer neles. Mais adiante em relação à citação, o autor cita os deuses como felizes e imortais. Se os deuses possuem uma vida feliz e imperturbável, por quais motivos eles se preocupariam conosco, abdicando de sua imperturbabilidade?

Epicuro, para reforçar o primeiro dos *tetraphármakon*, afirma que “aquele que é plenamente feliz e imortal não tem preocupações, nem perturba os outros; não é afetado pela

cólera ou pelo pavor, já que tudo isso é próprio à fraqueza.” (MP I, p. 13) Além dos deuses não terem os mesmos sentimentos humanos, eles não se preocupam conosco. Se forem imortais e plenamente felizes, não vão desejar se perturbarem ocupando-se com os humanos. Com a afirmação de que os deuses não se preocupam conosco, Epicuro estabelece uma nova relação entre o homem e os deuses. Ao contrário da religião popular que acreditava que os deuses interferem nas vidas, Epicuro, segundo Kani-Turpin (2011, p. 188), afirma que os deuses não interferem porque “em princípio, sua perfeita autarquia torna os deuses indiferentes aos mortais.” Os deuses, por serem imortais e autárquicos, não podem se perturbar com os homens; eles são totalmente indiferentes a qualquer coisa que possa lhes causar alguma infelicidade, pois sua natureza como deus não o permite. Porém, com essas afirmações, o filósofo não quer negar a existência dos deuses, mas cultuá-los de uma forma diferente da do vulgo, contemplando-os como um exemplo de felicidade. Como Ullmann (2006, p. 113) escreve, “aqui, há uma diferença essencial entre a religião popular, plena de temores e de interesses, e a dos epicureus, que cultuam os deuses, desinteressadamente, como ideal a ser imitado.”. Epicuro não nega, portanto, a existência dos deuses, mas nega o modo popular como eles eram cultuados e temidos e propõem um culto de contemplação da verdadeira felicidade como forma de incentivar a busca por ela. Contemplando os deuses, percebemos o quanto ainda se deve buscar para ser feliz e imperturbável como eles são.

O temor pela morte segue a mesma lógica que o temor pelos deuses. Da mesma forma que se deve conhecer a natureza para perceber que os deuses não interferem em nosso mundo, e por isso não há motivos para temê-los, devemos estudar a natureza da alma e do corpo para perceber que a morte é apenas a fragmentação dos átomos da alma²⁰ e por isso não podemos senti-la.

Para Epicuro, uma dor e um prazer precisam ser sentidos e percebidos pelos nossos sentidos. Não há dor ou prazer que não possa ser sentido. Essas sensações são percebidas através dos sentidos que captam o movimento dos corpos e transmitem essas sensações à alma, pela movimentação dos átomos do corpo-carne. A alma, tendo acesso a essas informações, processa-as. A morte, por sua vez, é a fragmentação dos átomos da alma e, logo, não podemos senti-la porque a alma já não existe e não há como processar as informações. Por isso, a morte

²⁰ A morte é a fragmentação dos átomos tanto da alma quanto do corpo. Quando os átomos do corpo-carne sofrem uma fragmentação, os átomos da alma, por serem mais leves e sutis, logo escapam pelos poros do corpo e se espalham na natureza, enquanto que os átomos do corpo-carne, por serem mais rudes e espessos, demoram mais para se espalharem. A alma morre simultaneamente ao corpo. Como Markus afirma: “o primeiro deles é inteiramente físico e considera que a alma é composta de elementos (átomos) muito tênues quando se dissipam pelo ar quando da morte do homem, escapando por todos os poros e se dissolvendo mais rápido que os outros corpos [...]”. (SILVA, 1999, p. 81). Os átomos do corpo, quando se fragmentam, possibilitam a dissipação dos átomos da alma, que, por serem mais tênues, logo se dissipam no ar, escapando pelos poros do corpo.

é nada para nós, e assim não devemos temê-la.

Nas palavras de Epicuro (MP II, 2010, p. 14), “a morte nada é para nós. Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível, e a insensibilidade é o nada para nós”. A morte não é nada porque, quando morremos, os átomos da alma se decompõem, como que um corpo decomposto nada sente, a morte não pode ser sentida. Dela não provém nem dor nem prazer, “então, o mais terrível de todos os males, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos.” (CM, 2002, p. 29). Enquanto se permanece vivo, o corpo e alma sentem as coisas do mundo, e por isso a morte, que é privação das sensações, não está presente. E, quando ela está presente o corpo e alma não estão mais presentes, já que a morte os privou das sensações.

Segundo Silva (1999, p. 77),

Epicuro afirma que a perda das faculdades da alma, do *pathé* (sentimentos/afecções), da mobilidade da mente e do pensamento, causa a morte, uma vez que viver é sentir e a alma é o que possibilita a compreensão da sensação, isto é, é a sua tradução ou o que a torna inteligível.

Somente vivemos enquanto sentimos. Isso porque é a alma quem recebe as sensações do corpo e as interpreta. Quando ocorre a fragmentação dos átomos, a alma não mais processa, e o corpo não sente mais nada. A morte é a perda de toda sensibilidade: estando ela presente, nada podemos sentir, e por isso ela é nada. Se a morte não pode ser sentida, nós não a percebemos para nós ela não existe como sensação. Será tolo quem teme ela e muito mais tolo ainda quem a espera ansiosamente e a teme como se fosse o pior de todos os males:

não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba estando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado. (CM, 2002, p. 27, 29).

Quem espera a morte e a teme é um tolo porque está antecipando uma dor que não existe. Está com opiniões falsas que causam dor. O estudo da natureza fará com que esse indivíduo, que antecipou uma dor que não existe, perceba que está errado e utilize desses conhecimentos para evitar a dor e conseqüentemente retornar ao prazer.

A morte em si mesma não pode ser sentida, ninguém sente a morte. Nem mesmo aqueles que perdem um ente querido. Eles não sentem a morte, o que sentem é a dor da falta ou da carência que essa pessoa faz a ela.

Outro mal que deve ser combatido com relação a morte é a ideia de imortalidade. Muitos

indivíduos temem ou esperam ansiosamente a morte porque acreditam que há outra vida além dela. Esses indivíduos acreditam nas superstições que afirmam que os mortos vão para o Hades, onde suas almas são torturadas por toda a eternidade. Epicuro combate essas superstições afirmando que a alma é mortal, e que não há vida após a morte²¹. E, segundo Ullmann (2006, p. 71): “desintegrando-se a alma, com a morte, não há por que temer castigos nem há por que esperar prêmio. O Hades é invenção mítica”. A alma é mortal, e não há vida depois da morte, assim não há por que temer a imortalidade ou o Hades, já que esses são atribuições ou opiniões falsas acerca da natureza da alma.

O terceiro dos *tetraphármakon* afirma que o prazer pode ser alcançado, através da boa escolha dos prazeres e do desfrutar de coisas simples e singelas.

Como vimos anteriormente, os verdadeiros prazeres são aqueles cuja satisfação se dá através dos desejos naturais e necessários. Mas como distinguir estes dos outros desejos inúteis e desnecessários? Para isso, Epicuro (CM, 2002, p. 39) propõe “[...] avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e danos.” Este critério consiste na escolha dos desejos ou prazeres que proporcionarão mais benefícios do que danos, ou seja, mais prazeres ou mais agradabilidade do que dores e sofrimentos. É com esse critério que a obtenção do prazer se torna possível, não porque ele lhe é condicional, mas porque é um dos meios para isso.

Outro meio seria o da vida simples, que consiste em usufruir de coisas prazerosas e fáceis de obter. A vida simples está ligada ao critério proposto por Epicuro, pois ele nos sugere para avaliar o que é prazeroso do que é doloroso e escolher o primeiro e se afastar do segundo. Mas a vida simples, além de fazer isso, evita os prazeres que não podem ser alcançados para evitar a dor de não tê-los e de se contentar ou sentir prazer naquilo que tem. Spinelli (2012, p. 67) assim afirma sobre a vida simples:

a condição de felicidade, por exemplo, de quem tem muito, bem mais do que precisa, é contentar-se com o pouco de que carece. Mesmo aquele que é muito rico carece apenas de um bom bife, não tem a necessidade acrescida de comer o boi inteiro! Na medida em que não discernimos, que não usamos a nossa potência reflexiva (uma atitude nada incomum entre os homens) ficamos restritos a critérios naturais, sobretudo deixamos nos levar, por força do aprazível, pelos caminhos do excesso. Se não ativamos em nós a capacidade de discernir (capacidade concebida por Epicuro como um movimento <*kínēsis*> que opera dentro de nós), nos tornamos reféns do movimento natural (operante em nós) das impulsões ou das afecções sensíveis.

O corpo-carne do homem sempre o impulsiona e o movimenta para experimentar todos os

²¹ Cf. p. 13 acima.

prazeres possíveis, mas ele necessita de apenas alguns. Quem se deixa levar ou se deixa escravizar por esses impulsos nunca se satisfará, porque sua busca será constante e excessiva, já que esses prazeres dos impulsos têm pouca duração e, por isso, são experimentados em excesso. Neste caso, o indivíduo busca algo que não está ao seu alcance: sentir todos os prazeres possíveis. O que não entende é que não precisa experimentar todos os licores do mundo para satisfazer a carência de água, um simples copo de água fresca daria a *mesma satisfação* com um *esforço menor*. O impulso ou o desejo de beber todos os licores deve ser controlado porque não há satisfação, pois sempre haverá um desejo se seguindo ao outro.

A potência reflexiva que o autor afirma acima deve ser analisada porque se refere ao critério de pesar os benefícios e os danos, somado à sabedoria prática ou *phronesis*. Sem ela, não há possibilidade de discernir ou de distinguir os prazeres necessários dos prazeres não necessários, pois se ficaria com os critérios naturais que levam o ser humano aos caminhos do excesso. Neste sentido, a vida simples, como possibilidade de obter o prazer, é apenas uma forma que o sábio dotado de *phronesis* optou. A vida simples é uma consequência da filosofia e da sabedoria prática que fazem parte do modo de ser do sábio. Esta vida seria também o modo de vida do sábio, a prática de sua ética no cotidiano.

Epicuro quer evitar o excesso, mas sem chegar à carência, como afirma nas *Máximas Principais*: “quem conhece os limites da vida sabe que é fácil conseguir resolver o sofrimento proveniente da carência e assim conduzir sua vida em seu todo à perfeição. Por isso não precisa empenhar-se em disputas que exigem esforço excessivo.” (MP XXI, 2010, p. 38). Para ter uma vida simples e assim alcançar o prazer, é necessário que não haja carências nem excessos. E, para evitar esses, é necessário conhecer os limites da vida e escolher as coisas a partir deles, não escolhendo o que não é necessário, ou seja, os excessos da vida e nem se privar do que é necessário para a satisfação das carências.

Afirmar que alguém possui uma carência não é a mesma coisa que afirmar que alguém está sentido dor. A princípio, as duas parecem ser iguais, afinal todas as sensações dolorosas provém da carência de um objeto. Mas, é justamente neste ponto em que elas divergem. A carência é a sensação da falta de alguém ou de algo, ela não é a dor em si, mas a provoca. Toda carência, mesmo não sendo a dor, provoca uma sensação dolorosa. A dor é a dor da falta, da carência, mas ela é uma sensação dolorosa, e não uma sensação de carência. A diferença entre carência ou falta e dor, se dá pelas sensações. Sentimos a carência e a dor de forma diferente, uma como falta, e a outra como sensação dolorosa.

O último dentre os quatro remédios está muito próximo do anterior, haja vista que o complementa; afinal, atingir o prazer está muito próximo de evitar ou superar a dor, já que a

ausência de dor possibilita a sensação prazerosa. O quarto remédio propõe que, mesmo estando submetido a dores, é possível superá-las e, por conseguinte, atingir o prazer. Epicuro sugere que, quando alguém está na pior das dores físicas, pode sentir prazer através das boas recordações que tem de sua vida²². Se pudermos superar as mais atrozes das dores, superar as outras se torna possível também.

As dores que não são atrozes, duram pouco na carne e logo cessam, abrindo espaço para o prazer emergir. Epicuro (MP IV, 2010, p. 18) assim expõe a sua tese sobre a possibilidade de superação da dor:

a dor contínua não dura longamente na carne. A que é extrema permanece muito pouco tempo, e a que ultrapassa um pouco o prazer corporal não persiste muitos dias. Quanto às doenças que se prolongam, elas permitem à carne sentir mais prazer do que dor.

Nesta máxima, Epicuro classifica as dores em três estágios: a contínua, a extrema e a prolongada. Uma dor que é contínua não dura longamente na carne. Por exemplo: uma lesão externa em qualquer parte do corpo ou uma queimadura em nossa pele é uma dor constante, mas logo cessa, não dura mais que algumas horas, ou até mesmo minutos. Já a dor que é extrema ela é tão intensa que sua sensação ultrapassa a sensação prazerosa, fazendo com que esta permaneça latente, porém ela não dura mais do que alguns dias, pois ao longo do tempo sua intensidade vai diminuindo, e o prazer vai se tornando mais intenso que essa dor, suprimindo-a. E há também as dores que se prolongam, e que hoje poderíamos classificá-las como crônicas, que não podem ser evitadas. Segundo Moraes: “a dor extrema, no limite do insuportável, dura pouco tempo. Dela logo nos livramos, ainda que seja pela morte [...]” (MP, 2010, p. 20). A dor extrema está no limite do insuportável, ela é muito intensa. Porém, essa dor não tem como durar muito tempo em nosso corpo, ela logo cessa. Nenhuma, dor por mais intensa que seja, pode durar tanto. Faz parte de sua natureza a sua pouca durabilidade, já que é ausência de prazer, e buscamos o prazer constantemente, logo encontramos algum modo de cessar a dor, permanecendo latente.

3.1.3 As virtudes

As virtudes, para Epicuro, são o meio mais importante para se estabelecer o modo de ser do sábio, pois elas a condicionam. Pode-se até ter a sabedoria e conhecer as máximas do

²² Cf. p. 17 acima.

tetraphármakon, mas, se não tiver a capacidade ou o discernimento para organizar esses conhecimentos de tal forma que possam estabelecer um modo de ser, eles serão inúteis. Sobre as virtudes e a sua importância, Epicuro afirma que

é impossível viver prazerosamente sem viver prudentemente, belamente e justamente, nem <viver prudentemente, belamente e justamente> sem viver prazerosamente. Aquele que está privado de viver prudentemente, belamente e justamente, não pode viver feliz, mesmo se for correto e justo. (MP V, 2010, p. 21).

Nesta máxima, Epicuro cita três virtudes, a *phronesis*, a justiça e a beleza, afirmando que sem elas ninguém pode viver prazerosamente. A vida prazerosa depende e é condicionada por essas virtudes. Na segunda, parte o autor afirma que a *phronesis* é a mais importante de todas as virtudes, pois não adianta ser justo e belo se não se possui a *phronesis*.

Em uma tradução literal, *phronesis* significa o movimento do diafragma. Este conceito na filosofia ética de Epicuro significa a ação ou ato de discernir e deliberar algo. A *phronesis* é um movimento de inspiração e de expiração, pois é ela quem estabelece as relações entre o homem e o mundo. A expiração seria a procura de satisfação, sentimos a carência de algo e buscamos a sua satisfação no mundo. A *phronesis* seria o movimento de ir para o mundo, e de se utilizar desses fenômenos para o próprio bem-estar. É um movimento recíproco entre o homem e o mundo, mas não é o mundo que se relaciona com o homem, mas a *phronesis* quem delibera e escolhe qual fenômeno melhor satisfaz o homem. O movimento da *phronesis* é diferente do movimento que os impulsos fazem. Os impulsos nos movimentam para o mundo, para satisfazer nossos desejos, porém não há o retorno dessa satisfação, já que os impulsos não possuem a capacidade de se utilizar dos fenômenos do mundo para alcançar esses desejos.

Na *Carta a Meneceu* Epicuro assim escreve sobre a *phronesis*:

[...] a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas. (CM, 2002, p. 45, 47).

A *phronesis* é o princípio e o supremo bem, mais importante do que a própria filosofia, pois a filosofia contribui para a felicidade fornecendo seus conhecimentos acerca da natureza, como vimos no *tetraphármakon*, enquanto que a *phronesis* delibera e escolhe os melhores prazeres, ou os melhores meios para se obter a felicidade. É a *phronesis* que, através de seu discernimento, percebe que os conhecimentos da filosofia podem ajudar a atingir a felicidade e os pratica no dia a dia. Enquanto que a filosofia busca o conhecimento, a *phronesis* avalia se

este conhecimento pode ajudar na obtenção da felicidade. Silva (2003, p. 77) descreve assim esse processo:

a questão passa a ser para Epicuro como tornar possível filosofar, tanto no sentido prático, quanto no teórico, portanto é forçoso admitir que é a *phrónesis* que conduz este processo, porque ela dá ao homem o poder de refletir acerca do que é natural e necessário saber, tanto do ponto de vista prático, quanto teórico.

A *phronesis* é quem delibera sobre o que é natural e necessário saber, estabelecendo dessa forma a relação entre o saber teórico da filosofia com a sua praticidade no cotidiano humano. Como afirma Silva é a filosofia quem conduz o processo de adquirir os conhecimentos e a *phronesis* de praticá-los, ou seja, utilizando-os para a obtenção de uma vida feliz. Segundo Epicuro em sua canônica, só é conhecimento aquilo que contribui para a felicidade. Mas para saber quais conhecimentos vão contribuir para a obtenção da felicidade, é necessário utilizar a *phronesis*.

A *phronesis* também origina as demais virtudes, ou seja, pela sua capacidade de discernimento, ela avalia o que é justo e o que é belo, fazendo com que o indivíduo viva justamente e belamente. Mais adiante, Epicuro relaciona essas virtudes com a felicidade, afirmando que as virtudes são inseparáveis da felicidade. Quem é virtuoso necessariamente é feliz, e quem é feliz, só é feliz porque é virtuoso.

Neste mesmo sentido, Moraes (2010, p. 22) afirma que

a φρόνησις é a virtude por excelência, princípio e origem das demais, viver segundo a virtude é viver sabiamente (ou prudentemente, conforme a tradução latina) [...]. Parece-nos, pois, razoável considerar que as condições da felicidade são, nesta ordem, “viver prudentemente, belamente (ou honestamente, ou corretamente) e justamente”. A primeira fundamenta as demais: viver belamente e justamente são consequências de viver em conformidade com a vida prática, respectivamente em relação em si próprio e em relação aos outros.

A *phronesis* é a virtude por excelência porque é ela quem origina as demais, viver conforme a *phronesis* é também viver belamente e justamente. Viver belamente é viver de forma correta ou honesta, seguindo os critérios estabelecidos pela *phronesis*. Já viver justamente é não prejudicar os outros para não ser prejudicado e, não sendo prejudicada a pessoa viverá em segurança²³.

Há uma hierarquia nas virtudes de Epicuro apontada por Moraes. Primeiro temos a

²³ Nosso objetivo é a relação entre a vida sábia e a vida prazerosa a partir da virtude da *phronesis*. Como que as virtudes da beleza e da justiça são consequências da *phrónesis*, não nos ateremos muito nelas.

phronesis, depois a beleza e a justiça. A primeira é o princípio, ou seja, o fundamento no qual as outras virtudes estão alicerçadas. A beleza e a justiça são apenas consequências de uma vida conforme a *phronesis*.

Moraes também afirma que viver em conformidade com a virtude é viver sabiamente. As virtudes definem a vida sábia. Só possui uma vida sábia quem é virtuoso. A *phronesis*, sendo a virtude por excelência e fundamento das demais, estabelece através de sua sabedoria prática um modo de vida e de ser do sábio. As virtudes se utilizam dos conhecimentos da filosofia para estabelecer esse modo de ser e de agir diante das coisas. A vida sábia é uma vida virtuosa, porque está em equilíbrio com o mundo.

Viver em conformidade com a *phronesis* é o mesmo que viver em equilíbrio com as coisas do mundo e consigo, pois ela, sendo a capacidade de discernir e de deliberar, serve como um critério para escolher ou recusar o que causa prazer e o que causa dor. Segundo Silva (2003. p. 50),

a ação do homem dotado de *phrónesis* expressa certa ‘vontade esclarecida’, que lhe faculta o acesso às coisas absolutamente necessárias à sua manutenção e que se encontram dispostos no mundo natural e, por outro lado, o alerta para os perigos dos excessos e das carências, tanto no sentido qualitativo, quanto no quantitativo, que se geram por desconhecimento de sua própria natureza [...].

É a *phronesis* quem estabelece a relação entre o indivíduo e as coisas do mundo, já que é ela quem escolhe ou recusa a partir das sensações de dor e prazer, através da “vontade esclarecida”. Esta vontade é a capacidade de discernir a partir dos critérios e dos conhecimentos expressos pelas sensações de dor e prazer e também pela própria filosofia. Por isso, que é esclarecida, porque utiliza desses critérios e conhecimentos para escolher ou recusar. A *phronesis* é uma capacidade ou uma virtude do ser humano. Por isso, é ela quem define a vida sábia, pois, sendo a capacidade de deliberar, ela escolhe o que é melhor e o que mais convém para a obtenção do prazer. A *phronesis* escolhe, delibera, discerne, o melhor “modo de ser” ou de viver, para se obter a felicidade.

As escolhas ou as recusas que a *phronesis* faz estabelecem no homem um modo de vida que consiste no equilíbrio entre si mesmo e as coisas do mundo, como Silva (1984, p. 104) destaca:

tanto quanto a convivência, o conhecimento (*dianoia*) também depende da conduta sábia e prudente do pensador, uma vez que a *phrónesis* molda a ação do *sóphos* em relação as pessoas do seu convívio e também em relação as coisas da natureza, isto é, *phrónesis* quer dizer também moderação no sentido dado ao conhecimento, tanto dos

fenômenos macrofísicos, quanto nos chamados fenômenos físicos.

A *phronesis* molda as relações entre o sábio e o mundo que o circunda de tal forma que essas relações possam conduzir à felicidade. Da mesma forma acontece com os conhecimentos que também são moderados pela *phronesis* com o objetivo de atingir a felicidade. Assim, a *phronesis* é o supremo bem e princípio, pois age tanto na vida sábia, estabelecendo um modo de ser capaz de atingir a felicidade, como na vida prazerosa, escolhendo o que é melhor para atingir o prazer.

3.2 VIDA PRAZEROSA

A vida prazerosa é definida sob três aspectos: o prazer, a felicidade e as virtudes. O prazer constitui a característica fundamental da vida prazerosa. A felicidade é apenas uma consequência. Já que a vida prazerosa consiste nas mais intensas sensações prazerosas, se não há dor, então se é feliz. Já as virtudes condicionam a vida prazerosa. Não há como ter uma vida prazerosa sem ser virtuoso. Epicuro, nas *Máximas Principais*, faz essa afirmação:

é impossível viver prazerosamente sem viver prudentemente, belamente e justamente, nem <viver prudentemente, belamente e justamente> sem viver prazerosamente. Aquele que está privado de viver prudentemente, belamente e justamente, não pode viver feliz, mesmo se for correto e justo. (MP V, 2010, p. 21)

A vida prazerosa é indissociável da vida virtuosa, ou seja, de viver a partir da *phronesis*, da beleza e da justiça. Quem tem essas virtudes possui uma vida prazerosa, já que a *phronesis* escolhe ou sabe deliberar quais prazeres, dores ou desejos contribuirão para a vida prazerosa. É a partir dessa virtude que os objetos de desejos são escolhidos ou recusados, conforme o critério dos benefícios e dos danos. A virtude da *phronesis* tem essa habilidade de se utilizar dos critérios e de outros conhecimentos para deliberar o que pode ocasionar sensações prazerosas ou dolorosas. Por isso, sem a *phronesis* não poderemos ser felizes, porque é ela quem delibera e condiciona a felicidade.

A justiça e a beleza, apesar de serem virtudes como a *phronesis*, são também deliberadas e escolhidas por esta virtude. Epicuro, na *Carta a Meneceu* aprofunda mais essa discussão:

[...] a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas. (CM, 2010, 45.47).

O autor define a *phronesis* como o princípio e supremo bem, porque é através dela que o alcance da felicidade se torna possível. Através da *phronesis*, o *telos* da vida humana é alcançado. Por essa razão, esta virtude se torna mais importante do que a própria filosofia, já que os conhecimentos dessa disciplina são apenas um instrumento que a *phronesis* utiliza para discernir os melhores prazeres.

A *phronesis* é inseparável da felicidade, porque é essa virtude quem delibera quais prazeres, dores e desejos podem ocasionar sensações prazerosas. Possuindo a *phronesis*, obtém-se os verdadeiros prazeres, estabelecendo-se, assim, uma vida prazerosa. As virtudes estabelecem um modo de vida prazeroso, por si mesmas. Mas, com a ajuda de instrumentos a obtenção do prazer é facilitada. Por isso, que o autor aborda a filosofia.

A filosofia seria uma motosserra nas mãos do construtor *phronesis*. Poderia ser qualquer outra ferramenta, um machado, um serrote, uma marreta, mas a filosofia é a melhor ferramenta para esse trabalho. A *phronesis*, como construtor, manuseia a filosofia da melhor maneira possível para construir a melhor casa possível, que seria a felicidade. A felicidade seria, então, o estágio final da vida humana. Aquele que possui uma vida prazerosa efetivou sua vida.

Somente o sábio pode-se realizar na vida, pois somente quem é sábio possui a *phronesis*. Mas, a *phronesis*, sendo o princípio e supremo bem, discerne e delibera melhor com a filosofia. Silva (2003, p. 19) afirma que

a vida feliz (*makários zén*) resulta do procedimento filosófico purificado dos valores malsãos provenientes das opiniões vazias. Esta vida, vivida com sabedoria, dá ao *sóphos* a sua melhor medida de realização, que é o bem maior, ou o *hedoné katastematiké*, o prazer em equilíbrio (repouso).

A filosofia contribuiu com seus conhecimentos livrando os homens das opiniões falsas, que geralmente causam dor, possibilitando ao indivíduo a experiência do prazer. Mas, o autor esqueceu-se de mencionar que é a *phronesis*, através de sua capacidade de ponderação, quem rege esse processo de conhecer os fenômenos do mundo e de combater as opiniões falsas. Ao fazer isso, essa virtude acaba criando um modo de vida ou um modo de ser e de se comportar diante das coisas. A virtude da *phronesis* faz isso de tal maneira que todas as suas escolhas sempre irão em direção a felicidade, que é o *telos* humano. Oyarzún²⁴ (1999, p. 421, tradução

²⁴ La operación fundamental de la prudencia consiste en discernir lo que ha de ser elegido y lo que debe rechazarse en vista del vivir placentero. En este sentido, la *phrónesis* no mira únicamente a la coyuntura y a las oportunidades que ésta ofrece para la obtención del placer, sino que se constituye en un cuidado reflexivo de

nossa) assim afirma sobre a relação sobre a vida sábia e a vida prazerosa:

a operação fundamental da prudência consiste em discernir o que deve ser escolhido e o que deve ser recusado em vista da vida prazerosa. Neste sentido a *phronesis* não mira unicamente a conjuntura e as oportunidades que esta oferece para a obtenção do prazer, senão que constitui em um cuidado reflexivo da totalidade da vida, que pondera os modos e os meios para proporcionar a esta o máximo de prazer possível e erradicar as causas das maiores penas.

O objetivo central da *phronesis* é a obtenção da vida prazerosa, e em vista disso faz todas as escolhas ou recusas. Mas, ao mesmo tempo esta virtude não se restringe às possibilidades de obtenção do prazer, mas pondera todos os meios possíveis que possam gerar o maior prazer possível e evitar as mais atrozes dores.

Tendo os maiores e mais intensos prazeres e as menores dores, o indivíduo terá uma vida prazerosa. É a qualidade dos prazeres que define a vida prazerosa, e não sua quantidade. Se uma pessoa sentiu um verdadeiro prazer calculado e deliberado pela *phronesis*, por mais curto que seja o período da sensação, esta pessoa teve uma vida prazerosa. A quantidade é irrelevante porque só amplia a sensação prazerosa por mais tempo, porém não faz com que a sensação sentida seja mais intensa ou melhor que a anterior. A sensação prazerosa não é gradativa, por isso, a quantidade de sensações prazerosas não tem relevância.

Isso não significa que assim que um humano sentir uma sensação prazerosa deve se contentar com ela e não mais buscar o prazer. Muito pelo contrário, assim que o indivíduo sentir um prazer, perceberá que esta sensação é a própria felicidade e vai cada vez mais buscar sentir novamente essa sensação. E, ao sentir a dor, perceberá como ela é “ruim” porque o afasta da felicidade, e por isso vai buscar meios de afastá-la permanecendo no prazer o maior tempo possível. A vida prazerosa não pode ser entendida como somente uma soma de prazeres e muito menos uma soma de quaisquer prazeres, como discutimos no capítulo um.

Ter uma vida prazerosa é o mesmo que ter prazer, e como o prazer é o supremo bem, ele é a causa da felicidade. Oyarzún²⁵ (1999, p. 416, tradução nossa) define a felicidade como *eudaimonia*: “diferença dos prazeres segue a necessária síntese que define, para Epicuro, a *eudaimonia*: esta consiste na ausência de dor no corpo e, conjuntamente, na ausência de perturbação da alma.”. A *eudaimonia* é a tradução grega para felicidade, que é definida por

la totalidad de la vida (ho hóllos bíos, cf. ΚΑ XXI), que pondera los modos y medios para proporcionar a ésta el máximo de placer posible y erradicar las causas de las mayores penas. (OYARZÚN, 1999, p. 421)

²⁵ De esta diferencia (diaphérein) de los placeres se sigue también la necesaria síntesis que define, para Epicuro, la eudaimonía: ésta consiste en la ausencia de dolor del cuerpo y, conjuntamente, en la ausencia de turbación del alma. (OYARZÚN, 1999, p. 416).

Oyarzún como ausência de perturbação e de dor na alma e no corpo possibilitando o prazer. Viver prazerosamente é o mesmo que viver feliz. E como a *phronesis* condiciona a vida prazerosa, então ela é causa da felicidade. Porém, esta virtude não faz isso sozinha, os conhecimentos da filosofia, a vida simples e o *tetraphármakon*, também possibilitam a felicidade.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE VIDA SÁBIA E VIDA PRAZEROZA

A vida sábia tem como instrumento a filosofia, ou seja, o modo como o sábio utiliza esses conhecimentos por meio da *phronesis*. Já a vida prazerosa consiste nas virtudes que condicionam a felicidade pela escolha dos verdadeiros prazeres. A *phronesis* é uma virtude que está presente nos dois modos de vida. Ela possibilita ao ser humano a ser sábio, escolhendo bem os desejos, prazeres e dores, e também define a vida prazerosa por essas boas escolhas.

Como a *phronesis* está presente tanto na vida sábia como na vida prazerosa, ela estabelece uma relação entre esses dois modos de vida. Por meio dessa virtude, a vida sábia e a vida prazerosa também estão associadas por meio da filosofia e do *tetraphármakon*.

3.3.1 A contribuição da filosofia para o alcance da vida prazerosa

Epicuro afirma que

a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. (CM, 2002, p. 21, 23)

O autor afirma que a filosofia é importante tanto ao jovem como ao velho porque ela conduz à felicidade. A filosofia conduz o velho a uma vida feliz, porque, pela sua recordação ou rememoração das coisas boas que fez ou teve em sua vida, o faz esquecer-se de sua velhice, sentindo-se bem consigo mesmo. Quanto ao jovem, ela possibilita a vida feliz, porque através de seus conhecimentos faz com que o jovem evite seus medos, não perecendo na dor e obtendo o prazer. Já na segunda parte, o autor afirma a importância da felicidade, definindo-a como o *telos* da vida humana. Por isso a filosofia deve estar a seu serviço, ela é apenas uma ferramenta

para possibilitar a vivência da vida prazerosa. Sobre a velhice e a juventude, Oyarzún²⁶ (1999, p. 406, tradução nossa) afirma: “a prática da filosofia ensina ao jovem a não temer o futuro e a acolher serenamente o que seu tempo lhe dá, e ao velho enriquecer o seu presente com as recordações gratas das aventuras vividas.”. Oyarzún acrescenta o conceito de prática da filosofia ou exercício de filosofia, que consiste em praticar os ensinamentos adquiridos. Assim, o jovem deve utilizar sua filosofia para evitar o medo e ter a capacidade de perceber o que pode ser mudado e o que não pode ser mudado, aceitando o que está lhe sendo oferecido. Quanto ao velho, ele deve usar os seus conhecimentos que foram memorizados ao longo de sua vida, e utilizá-los para que possa recordar dos melhores momentos que teve.

Epicuro (MP XII, 2010, p. 30) afirma que esses conhecimentos sempre devem estar na busca pela felicidade:

não haveria maneira de suprimir aquilo que suscita temor a respeito das questões mais importantes sem saber qual é a natureza do universo, mas tão somente alguma inquietação relativamente aos mitos. De modo que não há meio, sem o estudo da natureza, de desfrutar prazeres puros.

O estudo da natureza possibilita conhecermos a natureza do universo e como ele está ordenado e organizado. Esses conhecimentos são comparados às superstições dos mitos e dos deuses. E, a partir dessa comparação, perceberemos que as superstições dos mitos são falsas e que não há motivos para temê-las. Sem o estudo da natureza, não há como evitarmos as dores que essas superstições nos suscitam. O estudo da natureza, ao evitar todas as dores causadas pelas opiniões falsas acerca do funcionamento do universo, possibilita sentirmos os prazeres mais puros, já que aquele que é desprovido de dor, tem a possibilidade de imergir no prazer. A filosofia como estudo da natureza possibilita o prazer, e dessa forma, a própria felicidade, através da sensação prazerosa.

Moraes (1998) afirma que, sem esses conhecimentos do modo como a natureza se rege, não há como ter uma vida feliz, ou seja, sem perturbações. É necessário que saibamos que os deuses não interferem em nosso mundo porque vivem sem perturbações em outro local, para não os temermos e, assim, permanecermos no prazer. Ou então, é necessário conhecermos a natureza da morte para crer que ela não nos causa nenhuma dor porque não podemos senti-la.

Silva (2003, p. 17) afirma que

²⁶ La práctica de la filosofía enseña al joven a no temer el futuro y a acoger serenamente lo que su tiempo le da, y al viejo a enriquecer su presente por el recuerdo agradecido de las venturas vividas. (OYARZÚN, 1999, p. 406).

Epicuro define a filosofia como um saber para a vida e, ao mesmo tempo, define a vida feliz como o exercício da própria filosofia. Assim, *philosophía* e *makários zén* podem ser identificados. Mais que isso, a vida sábia, ou filosófica, é aquela que se funda na compreensão da natureza (*physiología*) e se realiza enquanto modo de ser próprio da sabedoria (*phrónesis*) que é, aos olhos deste pensador, o único procedimento autárquico que, por isso, pode engendrar a liberdade e o consequente poder de escolha e de recusa, que norteará a vida feliz.

Segundo Silva, Epicuro define a filosofia a partir das concepções acerca do estudo da natureza, e a vida sábia como a capacidade de deliberar da *phronesis*. O modo de vida sábio é a soma da filosofia com a *phronesis*. Esse modo de vida sábio engendra o poder de escolher os verdadeiros prazeres e de recusar todas as dores. Esse procedimento é o que norteia a vida feliz. Portanto, a vida feliz é um exercício filosófico, na medida em que a escolha dos prazeres é realizada pela vida sábia. Essas escolhas estão atreladas ao estudo da natureza.

O sábio conhecendo a *physis* é capaz de evitar todas as preocupações e perturbações que possam lhe aferir. O sábio não sente nenhuma dor e, por isso, goza de imperturbabilidade e paz de espírito. O sábio é feliz, porque sabe escolher o que é melhor para si, por meio da *phronesis*.

São essas escolhas e recusas do sábio que estabelecem para si um modo de ser, abordado por Moraes (1998, p. 68), da seguinte maneira: “a sabedoria ética consiste exatamente em adotar um modo de vida que nos habitue a buscar os prazeres mais consistentes e a enfrentar o sofrimento com imperturbável serenidade.” A filosofia contribui para a felicidade, porque é através dela que escolhemos os prazeres que proporcionarão uma vida prazerosa. A sabedoria ou filosofia também possibilita a felicidade, porque ela evita as dores que os homens podem ter. Exemplos disso são os dois primeiros remédios.

3.3.2 O *tetraphármakon* e a felicidade

O quádruplo remédio está dividido em duas partes. A primeira parte trata da filosofia como conhecimento da *physis* que evita a dor dos temores dos deuses e da morte. Já a segunda parte trata da escolha dos prazeres, e da superação da dor, tendo como enfoque principal afirmar que a felicidade pode ser alcançada e que a dor pode ser superada.

A intenção de Epicuro com o *tetraphármakon* é estabelecer princípios que possam reger a conduta humana de tal forma que possa escolher o prazer e evitar a dor. Os quatro remédios são uma espécie de receita para fazermos isso.

Moraes (1998, p. 8) afirma que

[...] vinculando de modo inédito a física atomística à ética emancipadora: sua ideia central, resumo de todas as outras, é, com efeito, a de que compreendendo a ordem cósmica como efeito mecânico do entrechoque dos átomos, libertamo-nos do terror

supersticioso e do temor da morte.

Epicuro vinculou os conhecimentos filosóficos de sua física atomística com a sua ética do prazer: a ordem natural do universo se rege pelo entrecchoque ou separação dos átomos, não há motivos para temermos os deuses e a morte. E não os temendo, sentimos prazer, e obtemos a vida prazerosa.

Os dois últimos remédios abordam o prazer e a dor comparados à felicidade. Segundo Epicuro não existe ninguém mais feliz do aquele “[...] que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves [...]” (CM, 2002, p .47, 49). Quando o autor cita o “bem supremo”, está se referindo ao prazer. Prazer, este, que é alcançado através de coisas simples e de fácil acesso. Para se ter prazer, não é necessário ser o mais sábio entre os homens ou possuir os segredos do universo, basta ter a capacidade de discernir quais objetos de desejo proporcionarão prazer e quais proporcionarão dor. Quanto ao mal supremo ou dor, Epicuro afirma que não devemos nos preocupar com ela, pois ela tem pouca durabilidade ou causa sofrimentos leves. É próprio da natureza da dor causar poucos danos ou durar pouco porque ela sendo um mal sempre iremos combatê-lo para sentirmos o prazer.

Os dois últimos remédios afirmam que a felicidade pode ser alcançada de forma fácil e acessível e que a dor pode ser superada por prazeres que sejam mais intensos que ela. Spinelli (2012) afirma que sentir prazer é o mesmo que ser feliz, já que a vida feliz sempre está associada à satisfação do prazer. Portanto, na medida em que os dois últimos remédios contribuem para a obtenção do prazer e na recusa da dor, eles estão contribuindo na obtenção de uma vida feliz.

3.3.3 A contribuição da *phronesis* para a obtenção da felicidade

A *phronesis* equilibra as relações entre o indivíduo e o mundo mantendo-o em constante equilíbrio, não sendo perturbado por nada. A *phronesis* se utiliza dos conhecimentos fornecidos pela filosofia para estabelecer esse equilíbrio entre o homem e o cosmo. Mas, também os utiliza para escolher os melhores prazeres, ou seja, aqueles que proporcionarão sensações agradáveis.

Sobre a escolha de prazeres, Moraes (1998, p. 68-69) afirma que

o bem supremo consiste numa duradoura *sensação* de bem-estar, incompatível não somente com os prazeres turbulentos, nervosos ou grosseiros, mas também com aqueles ligados ao que hoje chamamos a “fogueira das vaidades”, como a exibição de riquezas, a glória, o sucesso político ou intelectual, e outros análogos que tanto fascinam os deslumbrados de ontem e de hoje.

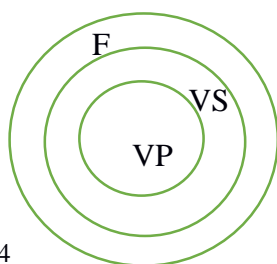
O bem supremo ou o verdadeiro prazer é diferente de outros prazeres, tais como a riqueza, a glória ou a luxúria, pois estes prazeres não causam uma constante sensação de bem-estar mas geram cada vez mais desejos, não obtendo satisfação alguma. Por causa dessa diversidade de prazeres, dores e desejos, a *phronesis*, como ato de deliberar ou como sabedoria prática, é imprescindível para a obtenção da felicidade. Esse argumento confirma com mais convicção o que Epicuro (MP V, 2010) afirma na máxima principal V: sem a *phronesis* não há como ser feliz.

Moraes (1998, p. 28) afirma que devemos:

procurar sempre distinguir os prazeres portadores da felicidade dos ilusórios, como são todos os que derivam da ostentação da riqueza, da exibição insolente do luxo vulgar, enfim, do culto às frias e mesquinhas divindades de nosso tempo: o mercado, o dinheiro, o sucesso individual.

Para ser feliz, é necessário saber distinguir os verdadeiros prazeres dos ilusórios. Para fazer essa distinção, é necessário possuir a capacidade de deliberação, ou seja, a virtude da *phronesis*. Esta virtude é responsável pela escolha dos melhores prazeres e da recusa das dores, como Ullmann (2006, p.83) salienta: “ela [a *phrónesis*] proporciona o verdadeiro prazer e busca evitar a dor; nela radicam as virtudes, porquanto o discernimento dos verdadeiros prazeres é obra da reflexão, de uma regra de razão e cálculo.” A *phronesis* é o cálculo ou a reflexão que escolhe os verdadeiros prazeres e recusa as dores. Esta virtude também é a origem e fundamento das virtudes da beleza e da justiça.

A *phronesis* é um conceito que estabelece uma vida sábia como ação de deliberar, e uma vida prazerosa como virtude que condiciona a felicidade. Apesar de estabelecer os dois modos de vida a *phronesis* possui uma unidade, ela na vida sábia não deixa de ser uma virtude e na vida prazerosa não deixa de ser ação de deliberar. Ela é uma virtude que é independente da vida sábia e da vida prazerosa. É a *phronesis* quem estabelece ambos os modos de vida, tanto a vida sábia como a vida prazerosa. Como podemos visualizar na figura abaixo:



Fonte: LUNKES, 2014

A *phronesis* (F) está tanto na vida sábia (VS) como na vida prazerosa (VP), mas há algo

que é independente das duas. Ela na vida sábia é uma capacidade de discernimento, na vida prazerosa é a condição da felicidade, mas também é uma virtude inerente ao ser humano.

Essa virtude define o modo de vida sábio e também o modo de vida prazeroso. Ela fornece ao modo de vida sábio as condições para que este possa escolher os verdadeiros prazeres. Com a *phronesis*, o modo de vida sábio, sempre procurará viver em harmonia e em bem-estar. O sábio sempre se utiliza de seus conhecimentos e de sua capacidade de deliberação para escolher o que é melhor para si, estabelecendo dessa forma um modo de vida.

Esse modo de vida do sábio é o modo de vida prazeroso, pois o sábio, tendo a virtude da *phronesis*, a filosofia e o *tetraphármakon*, escolhe os verdadeiros prazeres que provocarão sensações prazerosas. A vida prazerosa é a consequência das escolhas e das recusas que o sábio faz. Em outras palavras, quem vive uma vida sábia, vive uma vida prazerosa. Como Epicuro afirma:

na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

O sábio, por evitar o medo dos deuses e da morte, por conhecer a ordem da *physis*, que delibera corretamente os prazeres e evita as dores, e que não acredita no destino por saber que o universo é regido pelo acaso, estabelece para si um modo de vida prazeroso. Todos esses ensinamentos e práticas necessariamente conduzem o sábio à felicidade, pois todos têm um único destino a obtenção da felicidade. O sábio, em todas as suas ações, tem como finalidade obter a felicidade. Segundo Epicuro (CM, 2002), viver sabiamente é viver como um imortal diante dos mortais, ou seja, viver como um deus vive, imperturbável e feliz.

A vida sábia não só possibilita a vida prazerosa como também a define. A vida prazerosa só é atingida a partir de uma vida prazerosa, como bem salienta Moraes (MP V, 2010, p. 22-23):

É preciso ser sábio, não para ter prazer (todos o experimentam), mas para *viver prazerosamente*. A noção epicureana da vida prazerosa não se reduz, com efeito, à mera somatória dos prazeres da vida, nem, menos ainda, à fruição dos prazeres presentes, mas exige a paz de espírito.

Para se ter a vida prazerosa, é preciso ter primeiro uma vida sábia, pois é através da vida

sábria que escolhemos os verdadeiros prazeres e recusamos as mais atrozes dores. Sem essa deliberação da vida sábia, não há como atingirmos os verdadeiros prazeres. Busca-se uma vida sábia para se atingir uma vida prazerosa. Mesmo que a vida prazerosa seja apenas uma consequência da vida sábia, não podemos desconsiderar que a vida feliz ou prazerosa é o *telos* da vida humana e, por isso, ela é buscada em todas as ações, inclusive na vida sábia. Assim, a vida sábia seria um meio que possibilita esse fim.

Com esses argumentos, percebemos que a vida sábia define a vida prazerosa. A vida prazerosa só pode ser atingida através da vivência de uma vida sábia. O conceito de vida prazerosa está incluso ou implícito no conceito de vida sábia, através das virtudes, do *tetraphármakon* e da filosofia. Esses três conceitos fazem parte da vida sábia. A filosofia faz parte da vida sábia com seus conhecimentos, já *tetraphármakon* como unidade entre a filosofia e a capacidade de discernimento, e a *phronesis* como o principal meio, pois é através dessa virtude que a vida sábia alcança a vida prazerosa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os prazeres devem ser avaliados e escolhidos, pois nem todo prazer pode ocasionar uma vida prazerosa. Há diversos modos de sentirmos prazeres, e também diversos tipos de prazeres. Há os prazeres da carne e os da alma; os prazeres cinéticos e catastemáticos; os prazeres inúteis e necessários. Mas nem todos eles proporcionam sensações prazerosas. Os prazeres sempre serão bons por natureza, o que faz com que eles causem dor é o modo como os utilizamos, principalmente quando não impomos nenhum limite a eles.

Com relação às dores, elas também devem ser avaliadas. As dores são por natureza ruins e sempre as evitaremos. Porém, em algumas situações, pode ser necessário sentir uma dor para poder obter uma sensação prazerosa.

Além dos prazeres e das dores, há os desejos. Estes podem ocasionar tanto sensações prazerosas como sensações dolorosas, dependendo do modo como o utilizamos. Um desejo sempre está atrelado a um objeto, e na medida em que obtemos esse objeto alcançamos o prazer através da satisfação da carência que esse objeto gerou. Mas, quando esse objeto não é alcançado ou quando um objeto de desejo se interpõe a outro não há satisfação e não há prazer. Esses objetos de desejos são inúteis quando estão atrelados a uma opinião falsa; naturais desnecessários quando buscamos satisfazer nossas carências com objetos “sofisticados”; e os naturais necessários à vida, ao bem-estar e à felicidade.

Para sentirmos sensações prazerosas, necessitamos aprender a lidar com os prazeres, as dores e os desejos e saber como devemos utilizá-los para obter a felicidade. Não basta simplesmente vagarmos pelo mundo buscando sentir todos os prazeres e evitar todas as dores. Essa busca seria sem sentido, já que nem todos os prazeres nos proporcionarão sensações prazerosas.

É preciso termos a capacidade de discernimento ou deliberação para escolhermos dentre os prazeres, dores e desejos, quais deles nos proporcionarão uma vida prazerosa. Essa capacidade de deliberação é a virtude da *phronesis*. Através dessa virtude, podemos escolher os verdadeiros prazeres que proporcionarão as sensações prazerosas. A *phronesis* faz esse processo através da prática dos conhecimentos oferecidos pela filosofia.

A filosofia é o estudo da natureza, da ordem de todo o universo e também de seu funcionamento. Com esses conhecimentos, nós evitamos muitas dores e sofrimentos. Por exemplo, se sabemos que os astros se movem ao acaso, não temeremos o destino. Já que tudo é ao acaso não há nada que possa determinar as minhas ações além de mim mesmo. É com o estudo da natureza que sabemos que os astros se movem ao acaso, mas é a capacidade de

deliberação da *phronesis* que afirma, que a partir desse conhecimento, que não há motivos para temer o destino. Enquanto que a filosofia fornece os conhecimentos, a *phronesis* se utiliza deles para poder escolher o que causa prazer e o que causa dor.

Além da filosofia e da *phronesis*, há o *tetraphármakon* ou quatro remédios. O primeiro e o segundo remédio afirmam que não devemos temer os deuses e a morte. Não devemos temê-los porque eles não podem nos causar nenhum mal. Aquele que estuda a natureza sabe que os deuses não podem interferir em nosso mundo porque não querem se perturbar, também sabe que a morte não pode causar mal algum a nós porque sendo a fragmentação dos átomos não podemos senti-la. Já o terceiro e o quarto são propriamente éticos, eles não lidam com conhecimentos acerca da natureza, mas em como escolher. O terceiro afirma que a felicidade pode ser alcançada através das coisas simples de se obter. Uma vez alcançado o objeto desejado, sentimos a satisfação e com ela o prazer que é responsável pela felicidade. O quarto afirma que, por mais intensa que possa ser uma sensação dolorosa, ela pode ser evitada ou superada. Esses dois remédios nos motivam a escolher os prazeres e a evitar as dores.

A *phronesis*, o *tetraphármakon* e a filosofia são conceitos que estabelecem ao sábio um modo de ser e de viver que constitui na vida sábia. É a partir desses três conceitos que o sábio estabelece o seu modo de vida. O *tetraphármakon* e a filosofia seriam ferramentas de auxílio à *phronesis*. Os quatro remédios auxiliam na busca pela felicidade na medida em que evitam dores, possibilitando o prazer, e também por orientar na busca dos prazeres e na recusa das dores. Já a filosofia fornece todos os conhecimentos que de alguma forma podem ser úteis na avaliação dos prazeres, dores e desejos. Mas é a *phronesis* quem delibera esses conhecimentos e orientações, ou seja, é essa virtude que escolhe os verdadeiros prazeres. Ao deliberar o que pode causar prazer e o que pode causar dor, ela escolhe os primeiros e evita as dores. Quando ela faz essas escolhas e recusas, está estabelecendo para o sábio um modo de vida ou um modo de ser. É a partir das virtudes que a vida sábia é estabelecida. Portanto, a vida sábia é uma vida virtuosa.

As virtudes, além de estabelecerem uma vida sábia, também estabelecem uma vida prazerosa. As virtudes não estão dissociadas da vida prazerosa, pois uma vida prazerosa só é possível através da vivência das virtudes. Afinal, são as virtudes que escolhem e deliberam os melhores e verdadeiros prazeres que proporcionarão uma vida prazerosa. A vida prazerosa é uma consequência do modo de vida virtuoso.

O sábio possui um modo de vida virtuoso porque ele possui a capacidade de deliberação da *phronesis*. Como a vida prazerosa é condicionada pelas virtudes, e sendo o sábio virtuoso, a vida prazerosa é uma consequência da vida sábia.

É na vivência do *tetraphármakon*, da filosofia e da *phronesis* que escolhemos os verdadeiros prazeres. São esses prazeres, escolhidos pelo sábio, que ocasionam a vida prazerosa. Sem ser sábio, ou sem possuir a capacidade de escolha oferecida pela *phronesis*, não há como ter uma vida prazerosa. Só quem for sábio poderá ter uma vida prazerosa. Por isso, que buscamos ser sábios para sermos felizes. A vida sábia só é buscada porque é através dela que podemos atingir o *telos* de nossa vida: a felicidade.

A vida sábia e a vida prazerosa não são dois modos de vida diferentes, mas um está indissociável de outro. Não há como ter uma vida sábia sem ser feliz, e não há como ter uma vida prazerosa sem ser sábio. O modo de ser do sábio já estabelece para si, ao escolher os melhores prazeres por meio da *phronesis*, um modo de vida prazeroso.

Dessa forma, a vida sábia se relaciona com a vida prazerosa através da escolha dos melhores prazeres ocasionada principalmente pela virtude da *phronesis*, mas com o auxílio do *tetraphármakon* e da filosofia. Por isso, a vida sábia, sendo um meio de se obter o melhor prazer possível, condiciona ou possibilita a vida prazerosa.

REFERÊNCIAS

- CANTÓ, Eduardo A. Molina. *Voluptas-hedoné: sobre el placer em Epicuro*. **Onomazein**, v. 4, 1999, p.381-402
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Trad. Álvaro Lorenci e Enzo Del Carratorre. São Paulo: UNESP, 2002.
- EPICURO. **Máximas principais**. Trad. João Quartim de Moraes (texto, introdução e notas). São Paulo: Loyola, 2010.
- DEMÓCRITO. **Fragmentos**. Trad. Anna L. A. de A. Prado. São Paulo: Abril cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores, p.320-352).
- HERÁCLITO. **Fragmentos**. Trad. José Calvacante de Souza. São Paulo: Abril cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores, p.85-97).
- KANI-TURPIN, José. Os deuses. In: GIGANDET, Alain; MOREL, Pierre-Marie (org.). **Ler Epicuro e os epicuristas**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011. cap. VII, p. 179-204.
- KONSTAN, David. A alma. In: GIGANDET, Alain; MOREL, Pierre-Marie (org.) **Ler Epicuro e os epicuristas**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011. cap. V, p. 123-144.
- MORAES, João Quartim de. **Epicuro: as luzes da ética**. São Paulo: Moderna, 1998 (Coleção Logos).
- OYARZÚN R., Pablo. Epicuro: Carta a Meneceu. **Onomazein**, v.4, 1999, p.403-425.
- SILVA, Markus Figueira da. A noção epicúrea de eustatheía e a techné hé ietriké. **Princípios**. V.6, Rio de Janeiro, 1998. p.147-154.
- SILVA, Markus Figueira da. Do equilíbrio da alma. **Princípios**, v.6, n.7 jan./dez. Natal, 1999.
- SILVA, Markus Figueira da. **Epicuro: sabedoria e jardim**. São Paulo: Relume Dumara, 2003.

SPINELLI, Miguel. O conceito epicurista de kritêrion vinculado ao de enargeías e de kanôn. **Kriterion**, Belo Horizonte, n 125, Jun./2012, p. 59-80.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 4 ed. Porto Alegre: EPIPUCRS, 2010.

WARREN, James. A ética. In: GIGANDET, Alain; MOREL, Pierre-Marie (org.). **Ler Epicuro e os epicuristas**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011. Cap. VI, p. 145-177.